

**Cartas
ao “papa”
João Paulo II**

***Dr. Aníbal Pereira dos Reis
(ex-padre)***

Edições Cristãs

ÍNDICE

PRIMEIRA CARTA

O ESBULHO DA HONRA ALHEIA

SEGUNDA CARTA

A DEMOCRACIA DOS 110 ELEITORES

TERCEIRA CARTA

O SUCESSOR DE PEDRO

QUARTA CARTA

TRÊS REQUISITOS INDISPENSÁVEIS

PRIMEIRA PARTE

PEDRO NUNCA ESTEVE EM ROMA

QUINTA CARTA

OS HISTORIADORES CATÓLICOS

SEXTA CARTA

AINDA OS HISTORIADORES CATÓLICOS

SÉTIMA CARTA

NEM A TRADIÇÃO FAVORECE A SUCESSÃO PETRINA

OITAVA CARTA

E A ARQUEOLOGIA CONFIRMA A PRESENÇA DE PEDRO EM ROMA?

NONA CARTA

O TESTEMUNHO DAS SAGRADAS ESCRITURAS

SEGUNDA PARTE

JOÃO PAULO II NÃO É O 264º SUCESSOR DE PEDRO

DÉCIMA CARTA

INEXISTE O PRIMEIRO ELO DA CORRENTE SUCESSÓRIA

DÉCIMA PRIMEIRA CARTA

OS ELOS DA CORRENTE PONTIFÍCIA NOS DOIS PRIMEIROS SÉCULOS

DÉCIMA SEGUNDA CARTA

ELOS PARTIDOS EM OUTROS SÉCULOS

DÉCIMA TERCEIRA CARTA

OS PONTÍFICES ESPÚRIOS OU ANTIPAPAS

DOCUMENTOS EM ANEXO

.oOo.

PRIMEIRA CARTA

O ESBULHO DA HONRA ALHEIA

SR. KAROL WOJTYLA, APELIDADO DE JOÃO PAULO II:

Hoje, 22 de outubro de 1978, V. Sa. (= Vossa Senhoria) está sendo entronizado ou empossado no cargo de supremo chefe do catolicismo romano. Guindasteiam-no ao trono de “são” Pedro 110 cardeais.

Omito de propósito e por motivos óbvios o tratamento de “vossa santidade”. E disso não lhe peço desculpas.

Poderia chamá-lo simplesmente de VOCÊ. Quatro anos, porém, colocam-no mais velho do que eu e, seguindo normas recebidas na infância, não consigo usar este tratamento para pessoas de mais idade.

Chama-lo-ei de VOSSA SENHORIA (= V. Sa.) no decurso destas cartas de cavalheiro para cavalheiro. Já se vê tenho a boa-vontade de considerá-lo um cavalheiro.

Feita essa observação introdutória, manifesto meus sentimentos de compaixão para com sua pessoa.

Não compaixão pelo fato de V. Sa. assumir a canoa do romanismo muito esburacada a se esbater contra os vagalhões que

os seus antecessores, João XXIII e Paulo VI, permitiram se levantassem.

Apiedo-me de V. Sa. por muitas outras e bem mais sérias razões.

A primeira destas razões de me compadecer de sua pessoa é a de ser V. Sa. intitulado de “papa” com todas as falsas prerrogativas decorrentes deste falso título na conformidade do contexto da teologia católica.

Sr. Karol Wojtyla, ao receber o encargo de supremo monarca romanista, V. Sa. aceitou ser chamado de “PAPA”.

Papa, no Nordeste brasileiro, é mingau. Papa de aveia. Papa de araruta. Papa de maizena.

Na gíria, papa é conversa mole. É garganta, papo furado. Papparicos são afagos entre namorados.

Passar a papa em alguém é esbulhá-lo, enrolá-lo, enganá-lo. Daí a papa ser negociata, roubalheira.

Também tem o papa-defunto...

Observe V. Sa., pois, não ser lá muito honroso por estas bandas do orbe o seu título.

Existe também o papo, o, graficamente, masculino de papa. Papo é aquela bolsa das aves formada pela dilatação do esôfago. Mas papo é, ainda, arrogância, soberba. Bater papo é conversar. Passar o papo é enganar, ludibriar. Nem no masculino o vocábulo o honra muito.

Em português, a letra A caracteriza o feminino e a letra O, o masculino. Na realidade, contudo, papo não é o masculino de papa porque papa tem significados diversos dos de papo.

Eleito e empossado, meio mundo o chama de “PAPA”, o que me move à piedade de V. Sa.

Mas, por que comiserar-me de V. Sa.? “PAPA” não significa a maior autoridade da terra? A mais acatada? A mais honrada?

Não é esse o título mais frequente na imprensa diária de todas as partes?

Conquanto seja o vocábulo muito em voga na imprensa, tenho cá minhas fundamentadas dúvidas quanto ao ser a sua autoridade a mais acatada e a mais honrada.

Para sê-lo deveria basear-se na Verdade. Na Verdade Evangélica e na Verdade Histórica. Nem em uma e nem em outra, todavia, se enraíza ela.

Se V. Sa. ainda o ignora, advir-lhe-á, porém, a oportunidade de conhecer o meu livro “PEDRO NUNCA FOI PAPA!”. Nas suas 300 páginas ele prova com vigor e sem qualquer receio de fundada contestação, a absoluta carência de Verdade no tocante à origem evangélica do seu pontificado.

Compadeço-me de V. Sa., Karol Wojtyla, pela circunstância do próprio significado desse vocábulo “PAPA”.

Pedro, de quem querem que V. Sa. seja sucessor, jamais almejou intitular-se assim. Nem os primeiros bispos em Roma.

Só lá nos primórdios do catolicismo, pelos fins do século IV e pelos começos do século V, com esse termo se designaram todos os bispos e todos os clérigos.

A partir da segunda metade do século V, contudo, mais e mais se foi tornando o uso do vocábulo “PAPA” reservado ao suposto bispo de Roma.

Aliás, é de se notar que os cognominados “pais da igreja” jamais atribuíram ao bispo da Capital do Império Romano este designativo.

V. Sa. tem aí na Biblioteca Vaticana, a maior do mundo, as obras do abalizado canonista de sua seita e destacado professor de Direito Canônico em Roma nas décadas de 30 e 40, o jesuíta Felix M. Cappello. Veja, pois, a sua *Summa Iuris Canonici*, Roma, 1945. Leia, por favor, a nota 2 da página 271 do primeiro volume. Ele afirma categoricamente o fato de haver o pontífice Gregório VII (1073-1085) atribuído a si próprio a exclusividade do emprego do designativo “PAPA”.

Já se vê, prezado Wojtyla, não ser evangélica e, por isso mesmo, nem legítima a atribuição desse termo ao monarca vaticano.

A origem desse vocábulo constitui-se, outrossim, em afrontosa desobediência a nosso Senhor Jesus Cristo e em criminoso esbulho da honra de Deus, o Pai supremo dos crentes evangélicos.

Com efeito, a palavra “PAPA” procede do grego *PÁPPAS*, com a significação de PAI.

Passou a ser atribuída ao supremo hierofante vaticanista por ser o vocábulo a junção da primeira sílaba das duas palavras da expressão latina *PATER PATRUM* (= PAI DOS PAIS), justamente por querer ser ele o pai supremo.

É o cúmulo da afronta a Jesus Cristo, que disse: **“A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, Aquele que está no céu”** (Mateus 23.9).

Sr. Karol Wojtyla, Deus é o Pai. Pai soberano, Pai por excelência. Ele e somente Ele é o PAPA (= *Pater Patrum*).

Tenho-lhe profunda comiseração por arrogar-se V. Sa. o uso ilegítimo desse título que, em sentido espiritual, só a Deus compete. Deus, sr. Wojtyla, que não transfere a Sua glória a outrem (Isaías 48.11).

Além de querer blasfemar contra a Santíssima Paternidade de Deus, V. Sa. pretende apropriar-se da missão atribuída com exclusividade ao Espírito Santo nesta Dispensação da Igreja. V. Sa. cobiça ser “vigário de Cristo” na terra.

Vigário quer dizer substituto, aquele que faz as vezes de outrem.

E Jesus Cristo investiu o Espírito Santo deste múnus. Enviado pelo Pai, conforme a promessa de Cristo (João 13.26) e pelo próprio Salvador (João 16.7), pois o Pai e Jesus são um só (João 10.30), o Espírito Santo é o Consolador, o Paráclito, o Vigário de Cristo enviado para estar sempre com os discípulos (João 14.16).

Sr. Karol Wojtyla, as pompas soleníssimas de sua entronação na soberania católica, apesar de encantarem o mundo, se reduzem à afronta inaudita a Deus Pai e ao Espírito Santo, além de se constituírem em formal desobediência à palavra de Jesus Cristo.

Eis o motivo de não lhe apresentar congratulações e nem votos de feliz “pontificado”, mas sim de lhe manifestar minha compaixão.

Com a sinceridade de quem lhe deseja a genuína conversão evangélica,

Aníbal
NA MILÍCIA DA VERDADE

.oOo.

SEGUNDA CARTA

A DEMOCRACIA DOS 110 ELEITORES

SR. JOÃO PAULO II OU KAROL WOJTYLA:

Sua eleição e posse coincidiram com grande efervescência política aqui no Brasil.

Neste nosso amado País, como de resto também em outras nações, ao se imiscuírem na sua política interna, os bispos reclamam o regime da democracia, quando isto, é evidente, lhes rende prestígio popular, participação em gordas verbas do erário público e outros benefícios.

Os seus bispos, sr. João Paulo II, também aqui no Brasil são uns inconsequentes. Veja só um exemplo. O Paulo Evaristo Arns, cardeal de São Paulo, combate o custo de vida em vertiginosa ascensão. Ele promove abaixo-assinados e concentrações arruaceiras até dentro da catedral. E o pobre povo segue-lhe a demagogia. Ele grita contra o custo de vida, mas V. Sa. sabe qual é a última proeza dele em matéria de aumento de preços? A assinatura do jornal "O SÃO PAULO", órgão oficial da Arquidiocese de São Paulo, ainda neste ano é de 250 cruzeiros, porém ele já anunciou: em 1979 será de 500 cruzeiros. Cem por cento de majoração. Nenhum jornal brasileiro sofreu tamanho aumento de preço.

O exemplo dele é o oposto de suas palavras, quer dizer, das palavras também dele.

Os seus bispos, meu caro Karol, em suas arengas prelatícias, reclamam o salário baixo do povo. Agora eu lhe pergunto: eles não deveriam superar a lei do salário, pagando aos seus empregados dez vezes mais do estabelecido em lei?

Suponhamos que a lei institui o salário mínimo a 1.500 ou 3.000 cruzeiros. Eles deveriam pagar 15.000 ou 30.000 cruzeiros!

Assim dariam o bom exemplo.

Há um hospital de padres aqui em São Paulo onde um enfermeiro ganha só um salário mínimo e meio! E quanto ganhará um sacristão? Um motorista?

Por que eles não pagam dez vezes mais do que os outros estabelecimentos pagam? Dez vezes mais aos professores de seus colégios e de suas universidades? Aos médicos de seus hospitais?

É o velho método dos padres: façam o que eu mando, mas não façam o que eu faço.

Sai do assunto, sr. Karol Wojtyla. Lastimo tanto a sua sorte ou falta de sorte!

Os motivos me veem aos borbotões. Queria, na minha sofreguidão, expô-los de um jato.

Os bispos no Brasil, metidos na política, aclamam a democracia como o regime melhor. Como a melhor forma de governar para os povos. Em nome dos Direitos Humanos exigem o voto popular para presidente da República, para governador de Estado, para senador.

Se a democracia é a melhor forma de governo e a mais consentânea com os Direitos Humanos, por que o catolicismo romano só agora descobriu isso e por que não a adotou também em nome dos Direitos Humanos para a escolha dos bispos e do próprio “papa”?

Na sua monarquia oligárquica quem escolhe os bispos é o “papa”, o chefe. E quem elege o “papa” é um minúsculo colégio de cento e poucos cardeais, os purpurados, de sua parte fabricados pelo “papa” anterior.

Em tempos passados, quando os reis e os monarcas eram sagrados e coroados pelo “papa” ou pelos bispos, o melhor era a monarquia, pois o catolicismo, como religião oficial, manobrava e subjugava os governantes.

Agora, porém, os tempos são outros e a época das monarquias e das oligarquias já se foi. Então o clero, politiqueiro, manhoso e oportunista, está a apregoar a democracia.

Para as nações a democracia é o melhor por favorecer na conjuntura atual ao clero o saciar da sua fome pantagruélica de manobrar a política interna das nações e por facilitar-lhe o sugar os erários públicos.

Neste ano de 1978, ocorreram duas eleições de “papa”. Uma em agosto e a outra em outubro. Em 15 de novembro aconteceram as eleições políticas no Brasil.

Certo candidato à deputação federal obteve três mil e poucos votos e se demonstrava felicíssimo, apesar de haver ficado muito longe. Lá quase na rabeira dos derrotados.

Feliz, felicíssimo, por haver obtido três mil e poucos votos. E comentava o motivo do seu júbilo desmedido: “Afim, tive até votos demais! João Paulo II só teve 110 votos!!!”

Os oitocentos milhões (?) de católicos chefiados por um cidadão eleito por um colégio eleitoral de apenas 110 indivíduos! E os seus Direitos Humanos?

Porventura os católicos comuns, os leigos, não têm capacidade para eleger o chefe?

Afinal, que autoridade moral têm os hierarcas romanistas, ou melhor, vaticanistas de reclamarem eleições diretas dos chefes de Estado se lá no catolicismo o “papa” é escolhido por uns gatos pingados?

O regime de governo do catolicismo romano é o da monarquia oligárquica. Quer dizer, é um império dominado por um só indivíduo a se estender pelo mundo inteiro por intermédio dos bispos, os fidalgos constituídos em aparatosa oligarquia da gente aristocrática dos báculos, das mitras, das cruces peitorais e dos anéis. Então, se o regime de governo de sua seita, sr. João Paulo II, é o da monarquia oligárquica, por que os seus bispos não se encafuam nas suas preladadas alcovas e deixam aos políticos a política do País?

Sr. Wojtyla, este é o outro motivo da minha compaixão por sua pessoa: a gritante incoerência da atuação da sua seita. Os seus hierarcas bendizem a democracia e impingiram V. Sa. aos seus fiéis por meio de uma escolha secreta feita por apenas 110 cidadãos.

Cento e dez cidadãos falíveis que o transsubstanciaram em infalível, em “PAPA” (= o pai soberano), em vigário de Cristo, em “santo padre”.

E se V. Sa. desse uma de honesto e se exonerasse desse papel ridículo? É a respeitosa pergunta de

Aníbal

NA MILÍCIA DA VERDADE

.oOo.

TERCEIRA CARTA

O SUCESSOR DE PEDRO

SR. JOÃO PAULO II OU KAROL WOJTYLA:

O seu imediato antecessor, o I João Paulo, que pontificou apenas 32 dias, nada pôde oferecer senão sorriso. Foi um ótimo idiota a contentar a massa imensa dos idiotas.

Tenho visto nos jornais, nas revistas e na tevê o seu esforço por sorrir. Quer ser simpático!

Anime-se a prosseguir esboçando forçados sorrisos, apesar de o sorrir não ser o seu temperamento. Os papalvos apreciam muito quem sorri a troco de nada.

Seu sorriso deve ser mui extenso e sobremodo natural quando lê lá na Constituição *DE ECCLESIA CHRISTI*, do Concílio Ecumênico Vaticano I o latim do enunciado solene a culminar com a maldição dos seus recusadores: *“Si quis ergo dixerit, non esse ipsius Christi Domini institutione seu iure divino, ut beatus Petrus in primatu super universam Ecclesiam habeat perpetuos successores, aut Romanun Pontificem non esse beati Petri in eodem primatu successorem: anathema sit”*.

Sr. João Paulo II, o comum dos brasileiros desconhece o latim. Peça-lhe, pois, licença para dar a tradução dessa frase porque pretendo divulgar estas cartas.

Lendo a tradução, os meus patrícios avaliarão a petulância, a papa, da doutrinação católica: “Se alguém afirmar que Pedro, por instituição do próprio Cristo ou por direito divino, não tem perpétuos sucessores no primado sobre a igreja universal, ou não seja o romano pontífice o sucessor de Pedro no mesmo primado, seja anátema”.

V. Sa. participou do Concílio Ecumênico II, o tal Concílio que reformou a sua seita, que a “*aggiornou*”, que a atualizou, que a contemporizou aos presentes dias da técnica e da socialização.

Este Concílio, neste particular da origem e da significância da almejada autoridade do “papa”, se manteve na rota do seu congêner anterior. Por isso, a Constituição Dogmática *LUMEN GENTIUM*, na qual V. Sa. votou e que foi estatuída, decretada e dogmatizada aos 21 de novembro de 1964, declara: “*Romanus Pontifex, ut SUCCESSOR PETRI, est unitatis, tum episcoporum tum fidelium multitudinis, perpetuum ac visibile principium et fundamentum*”.

Este belo latim (belo na forma, porém falso no conteúdo) quer dizer em português: “O romano pontífice, como SUCESSOR DE PEDRO, é o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade quer dos bispos, quer da multidão dos fiéis”.

Proclama a teologia católica ser o “papa” a grande e insuperável autoridade por ser ele o sucessor de Pedro, o primeiro “papa”.

Diz haver, ao longo da História, a autoridade pontifícia passado de um “papa” para outro. Pedro foi o primeiro, depois veio outro; em seguida, o terceiro; imediatamente logo após, o quarto; ao quarto sucedeu o quinto; este, sem qualquer interrupção, passou ao sexto o cajado pontifical... E assim sucessiva e ininterruptamente até V. Sa., sr. João Paulo II, que é o 264º (ducentésimo sexagésimo quarto) sucessor do Apóstolo Pedro na cadeira pontifical.

E, nestas condições, à semelhança de Pedro, o primeiro “papa”, desfrui V. Sa. de inexcusáveis prerrogativas: vigário de Cristo, sumo pontífice, bispo de Roma, primaz da Itália, detentor de soberana primazia sobre todos os bispos, chefe da “igreja”, infalível em cujas mãos se encontram as chaves do Reino dos Céus, fundamento da unidade dos fiéis.

Tudo isto e mais alguma coisa por ser V. Sa., sr. Wojtyła, o SUCESSOR DE PEDRO. O 264º sucessor!

Na programação das tevês se sucedem as novelas. Todo mundo sabe que a novela é novela. É fantasia!

Agora, nos noticiários, vez ou outra, lá vem a cara do “papa”.

Está bem que a tevê apresente a cara do “papa”. Mas deveria fazê-lo na hora conveniente. Nas novelas. Ou nos programas cômicos, por exemplo.

Todo mundo sabe que a novela é fantasia e os programas cômicos são palhaçada. Eis aí o horário oportuno para o “papa” aparecer porque ele não é o sucessor de Pedro. E, não sendo sucessor de Pedro, ele não é nada daquilo que se lhe atribui. Em tendo sido V. Sa. ator na sua mocidade voltaria às ribaltas e com muito sucesso.

Sucessor de Pedro!

V. Sa., João Paulo II, o 264º sucessor do pescador de Betsaida!!!

Compadeço-me de V. Sa., por vê-lo vítima dessa ridícula hipótese fantasmagórica.

Se não me apiedasse de V. Sa., acusá-lo-ia de participante consciente da maior falcatrua impingida aos papalvos.

V. Sa. é o sucessor da maior impostura da História.

Nada tenho contra a pessoa particular do polonês Karol Wojtyla, pela mistificação, apelidado de João Paulo II.

Aceite, contudo, meu caro Karol, a minha tristeza por vê-lo levar avante o embuste do pontificado vaticano.

Anibal NA MILÍCIA DA VERDADE

.oOo.

QUARTA CARTA

TRÊS REQUISITOS INDISPENSÁVEIS

SR. JOÃO PAULO II OU KAROL WOJTYLA:

De certo hoje V. Sa. teve muitas audiências. Reconheço sua canseira. Serei breve nesta carta.

Fui sacerdote católico por quase 16 anos. Amei com entusiasmo o meu chefão vaticano. Tributava-lhe profundo respeito. Submetia-me à sua autoridade com incondicional obediência e subserviência – *“perinde ac baculus, perinde ac cadaver”* (= como uma bengala, como um cadáver).

Minha atual posição é oposta. Rebelei-me contra o monarca vaticano, o decantado “princípio e fundamento visível e perpétuo de todos os fiéis”, o dono do mundo e dos céus, cujas chaves estão em mãos de V. Sa., por ser o sucessor de Pedro.

Apesar de tanta pomposidade, apesar dos aplausos da imensidão dos protestantes idiotas admiradores de “sua santidade” (?), apesar da riqueza fabulosa do Vaticano, apesar do poderio político dos hierarcas católicos, apesar de tudo, eu, na minha modéstia de simples pregador do Evangelho, me insurjo contra a pretensão insensata da falsa propositura papista.

Arrisco-me de frente erguida a aceitar o anátema e nego ser V. Sa., sr. João Paulo II, o 264º (ducentésimo sexagésimo quarto) sucessor de Pedro.

Rebelo-me contra a sucessão petrina!

Com efeito, para que V. Sa. seja o 264º sucessor de Pedro há necessidade dos três seguintes requisitos:

1º- Que Pedro haja sido o primaz do Colégio Apostólico, ou seja, que Pedro houvesse sido o soberano dos Apóstolos e sobre eles, como tal, dominado;

2º- Que Pedro haja estado em Roma, onde fora bispo;

3º- E que as suas prerrogativas foram transferidas aos bispos de Roma numa segura e ininterrupta sucessão.

Sr. Karol, o primeiro requisito dos acima aludidos está com amplitude desenvolvido nas 300 páginas do livro **“PEDRO NUNCA FOI PAPA!”**, de minha autoria.

Nessa obra, examino o assunto e disseco os textos das Sagradas Escrituras arrolados pela sofistaria católica na cobiça de defender a legitimidade do seu monarca pontífice.

Nas cartas subsequentes ater-me-ei à tarefa de esfacelar a sua sonhada sucessão petrina, negando também os dois últimos requisitos.

Em cumprimento do meu propósito de ver estas cartas enfeixadas num livro é que vou reparti-las em duas secções:

- 1) PEDRO NUNCA ESTEVE EM ROMA e
- 2) JOÃO PAULO II NÃO É O 264º SUCESSOR DE PEDRO.

Por vê-lo implicado e complicado na impostura, tenho por V. Sa. intensa compaixão, pois muita gente leva a sério a sua representação teatral de pontífice.

Aníbal

NA MILÍCIA DA VERDADE

.oOo.

**PRIMEIRA
PARTE**

PEDRO NUNCA ESTEVE

EM ROMA

Se a quem afirma cabe o ônus da prova, competiria ao catolicismo provar a sua assertiva quanto à estada de Pedro na Capital do Império dos Césares. Ele nunca o fez e jamais o fará!

Ao negar essa presença em Roma, nestas minhas cartas ao pontífice imperante, eu me valho:

- * dos próprios historiadores católicos romanos;
- * da chamada Tradição católica;
- * da Arqueologia;
- * das Sagradas Escrituras.

Garanto-lhes, leitores, que na excomunhão papista me encontro com excelentes companheiros.

.oOo.

QUINTA CARTA

OS HISTORIADORES CATÓLICOS

SR. JOÃO PAULO II OU KAROL WOJTYLA:

Decorreu-lhe o dia de hoje mais tranquilo e menos estafante. V. Sa. pode, portanto, dar-se a maior concentração na leitura desta carta carregada de argumentos extraídos dos próprios historiadores sacramentados com o “*imprimatur*” dos seus bispos.

Lembra-se de seu tempo de estudante no Instituto Internacional Angelicum, aí em Roma?

V. Sa., como eu também, leu e se enlevou de alegria. Está lá no frontispício do Tratado *DE ROMANE PONTIFICE*, erguida pela sofismática romanista a seguinte petulante afirmação: “*ROMAM VENIT PETRUS ROMAEQUE MORTUUS EST*” (= Pedro foi para Roma e em Roma morreu”).

1) E a réqua dos historiadores romanistas, a babar na gravata, se acotovela diante do pontífice desejando ter o fato como indiscutível e irrefutável.

Na ânsia de consolidar as estruturas do pontificado católico romano, forjou-se o “ACONTECIMENTO HISTÓRICO” da estada de Pedro na Capital Romana.

Doutrina o catolicismo haver, por volta do ano 42, Pedro chegado àquela cidade, onde fundou a Igreja e estabeleceu nela a sua sede, sendo seu primeiro bispo, e onde, em 64, escreveu a sua Primeira Epístola e, em 66, a Segunda.

Conforme o mesmo ensinamento, ele foi martirizado, juntamente com Paulo Apóstolo, em 67, havendo, por 25 anos, governado essa Igreja, legando-lhe um sucessor.

a- O clérigo Rivaux, em seu *TRATADO DE HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA* (Porto, 1876, pág. 78), adotado como compêndio nos seminários católicos até há bem pouco tempo, propala: “O pontificado de S. Pedro durara 33 anos e alguns meses, dos quais, quase 8 passados em Jerusalém e, depois, em Antioquia, e 25 anos, 2 meses e 7 dias em Roma”.

b- Daniel Rops, membro da Academia Francesa de Letras, é um dos mais destacados historiadores contemporâneos e publicou em 6 alentados volumes a sua *HISTÓRIA DA IGREJA DE CRISTO*, cuja tradução em nosso vernáculo português (1960) é divulgada pela Livraria Tavares Martins, de Porto, em Portugal.

À página 109, afirma: “Não há dúvida alguma de que o príncipe dos Apóstolos veio a Roma, tendo chegado ali muito cedo. É certo também que ali fez uma estadia muito longa, de cerca de vinte e cinco anos, interrompida apenas por curtas ausências, devidas principalmente a viagens a Jerusalém. Por último, também se sabe que o seu martírio ocorreu na cidade que ele consagrou com o seu sangue”.

c- O jesuíta Devivier é outro francês que pôs a sua cabeça a serviço do “papa” e em seu COURS D’APOLOGETIQUE CHRETIENNE, uma “exposição raciocinada dos fundamentos da fé”, sacramentado com uma carta de Pio X, declara à página 356: “Ora, que S. Pedro residisse em Roma e nela morresse, cedendo nela a sua sede aos seus sucessores, é um fato, em que a Tradição e a história estão de tal modo concordes, e são tantos e tão claros os seus testemunhos sobre esse ponto que, durante os treze primeiros séculos da nossa era, ninguém sonhou sequer em o pôr em dúvida”.

d- Sr. Karol, o meu professor de História Eclesiástica no seminário católico, cônego Antonio Leme Machado, dividia a vida de Simão em cinco etapas:

- * antes do Pentecostes;

- * suas atividades junto às comunidades da Palestina até 42, quando foi, pela terceira vez, preso em Jerusalém e, livre por um anjo, seguiu para Roma;

- * de 42 a 49, enquanto ficou em Roma, onde fundou a Igreja e da qual foi bispo;

- * depois voltou ao Oriente, onde em 50, presidiu o Concílio de Jerusalém, e visitou Antioquia, quando permaneceu durante 7 anos como seu bispo, tendo, por volta de 56, retornado a Roma, deixando como seu sucessor, no bispado antioquenho, santo Evódio;

- * e, enfim, outra vez em Roma, quando aconteceu o longo cativeiro de Paulo e de onde escreveu as suas duas Cartas às comunidades da Ásia. Em 29 de junho de 67 foi crucificado, de cabeça para baixo, no Monte Vaticano.

2) Data venia, sr. Wojtyla, contesto a meticulosidade de Rivaux ao falar da presença de Pedro em Roma pelo período bem cronometrado de 25 anos, 2 meses e 7 dias. (Por que, no afã de ser preciso, não contou também as horas, os minutos e os segundos?).

Contesto a empáfia de Daniel Rops ao afirmar o episódio do martírio do Apóstolo.

Contesto o atrevimento do jesuíta Devivier ao considerar fora de qualquer suspeita nos treze primeiros séculos a residência do irmão de André na Capital Romana, onde estabelecera a sua sede e transmitira poderes incomuns aos seus sucessores.

As cinco etapas da vida de Pedro apresentadas pelo professor Leme Machado são o resultado do esforço de espalhar o maior blefe da História.

Há um aforisma latino por V. Sa. conhecido que diz assim: “*QUOD GRATIS AFFIRMATUR GRATIS NEGATUR*” (= o que se afirma gratuitamente, ou sem provas, também se nega gratuitamente).

Jamais os estoriadores (não historiadores) católicos aduzem provas à sua assertiva.

Dizem por dizer. Porque ouviram a galinha cacarejar sem saber onde está o ovo. É-lhes, outrossim, impossível encontrar esse ovo porque a galinha pode cacarejar sem o haver posto.

Quais as provas de Rivaux quando assegura a residência por 25 anos, 2 meses e 7 dias de Pedro em Roma? Em todos os quatro volumes de sua obra nem o mínimo raio dessa demonstração! Quais as provas em seus seis alentados volumes apresentadas por Rops que justifiquem a sua afirmação peremptória: “É certo também que ali [em Roma] fez uma estada muito longa”?

Devivier, como bom jesuíta, a tremer sobre os sapatos, apregoa como a maior verdade do mundo: “Pedro residiu em Roma e lá morreu. Concordes afirmam a Tradição e a história”. E as provas, Devivier?

Também posso dizer que, no século X antes de Cristo, os japoneses já se encontravam no Brasil, e cultivavam melancia e chuchu.

O que digo sem provas também sem provas pode ser negado.

Nenhum estoriador católico prova o enunciado vaticano quanto à estada de Pedro em Roma. Se nada provam eles, de minha parte posso negar a sua afirmação.

Longe de mim, caro Karol, monarca romanista, qualquer laivo de petulância. A Verdade me dá imensa coragem! A coragem de enfrentar a impostura!!!

Aníbal

NA MILÍCIA DA VERDADE

.oOo.

SEXTA

CARTA

AINDA OS HISTORIADORES CATÓLICOS

**SR. JOÃO PAULO II OU
KAROL WOJTYLA:**

A uma afirmação gratuita pode-se opor uma negativa de igual forma gratuita.

Se os historiadores de sua seita dizem por dizer que Pedro esteve em Roma e lá morreu depois de haver na Urbs instalado a sede do catolicismo; se eles afirmam sem, contudo, provar, poderia eu simplesmente negar essa assertiva.

Alheio ao meu propósito, todavia, omitir as razões da minha negativa. Tenho razões. E sólidas!

Baseio-me nos próprios historiadores católicos romanos, cujas obras são sacramentadas com o “*imprimatur*” e o “*nihil obstat*” da autoridade eclesiástica.

1) E o primeiro a arrolar entre as minhas testemunhas é o sacerdote romanista LORENZO TURRADO.

Antes de lhe ceder a palavra para o seu extraordinário e magnífico depoimento, desejo apresentá-lo. Talvez V. Sa., sr. Karol, não o conheça ainda. É exegeta católico, além de sacerdote. É professor do Novo Testamento na Universidade Pontifícia de Salamanca (Espanha). Sua cultura fê-lo participar da obra *BIBLIA*

COMENTADA – Biblioteca de Autores Cristianos – Madrid, 1965. Ele é dos nossos dias e se sincroniza com a teologia católica romana.

Notar-se-á em seu testemunho uma grande honestidade quando reconhece as duas graves deficiências da Tradição:

- * suas informações são muito distantes dos fatos informados e
- * faltam-lhes garantia.

Vamos, sr. Wojtyla, ouvir o depoimento de LORENZO TURRADO? São sobremodo importantes essas declarações, cujas versais são do meu arbítrio, por julgá-las dignas de realce.

Sobre a origem e o fundador da Igreja de Roma pergunta ele e ele mesmo responde: “Desde quando existia essa Igreja e quem a fundou? A resposta desta pergunta não é fácil”.

E elucida: “O MAIS PROVÁVEL é que resultara da cooperação de muitos, em virtude de muita gente de todos os países afluir a Roma, por sua condição de Capital do Império, sendo, pois, óbvio supor-se que, entre tantos, houvesse também cristãos, os quais se agrupavam em comunidade, levando a mensagem do Evangelho aos habitantes da cidade. É POSSÍVEL QUE ISTO ACONTECESSE desde os primeiros dias da Igreja se os **“forasteiros romanos”** ouvintes da pregação de Pedro no dia de Pentecostes (Atos 2.10) se converteram. Uma antiga tradição conservada por Eusébio (*HIST ECCLES.* 2, 14) fala de que o próprio príncipe dos Apóstolos, S. Pedro, chegou a Roma nos primeiros anos do reinado de Cláudio (41-54). ESTA OPINIÃO se baseia em Atos 12.17: **“E, saindo, retirou-se para outro lugar”**, onde vê uma alusão à ida de Pedro nos primeiros anos de Cláudio. Em apoio DESTA OPINIÃO, ainda podemos citar uma segunda tradição, que atribui a S. Pedro uma estada de 25 anos em Roma, como, por exemplo, o *CATALOGUS LIBRI PONTIFICALIS*, que, NA OPINIÃO de A. Harnack, remonta a Hegesipo (ano 180). TEMOS QUE RECONHECER, TODAVIA, QUE TODAS ESTAS INFORMAÇÕES SÃO TARDIAS E, EMBORA POR MUITOS ACEITAS, NÃO SÃO SUFICIENTEMENTE GARANTIDAS. Não se pode, porém, duvidar da estada de Pedro, em Roma, pelo menos no fim de sua vida nos tempos de Nero (54-68), sendo martirizado nessa Cidade, como aconteceu com Paulo” (*BIBLIA COMENTADA – Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1965, Vol. VI, páginas 251-252*).

Depois de suas locuções: “O mais provável”, “é possível que isto acontecesse”, “esta opinião” e depois desta frase: “Temos que

reconhecer, todavia, que todas estas informações são tardias e, embora por muitos aceitas, não são suficientemente garantidas”; depois disso, por certo, o professor de Salamanca incorreria na pena de excomunhão. Que perigo!

Safa-se, contudo, da ameaça ao alegar em dissonância com o seu depoimento: “Não se pode, porém, duvidar da estada de Pedro em Roma, pelo menos no fim de sua vida, nos tempos de Nero (54-68), sendo martirizado nessa Cidade, como aconteceu com Paulo”.

Entendo essa válvula de escape à excomunhão e à exoneração de sua cátedra universitária. Estou, porém, satisfeito com o seu depoimento por arrasar a petulância de Rivaux, de Rops e de Devivier. E do meu “professor” Leme, que de leme só tem o nome.

2) Convoco outro historiador, também católico. Suas afirmações contradizem as de Daniel Rops. F. X. FUNK, sacerdote alemão, escreveu o seu COMPÊNDIO DE HISTÓRIA ECLESIASTICA, tendo em mente refutar Baur e os adeptos da escola hegeliana de Tubingem, “que tudo tentaram para desfigurar a primitiva idade cristã; teve em vista o autor, principalmente a defesa dos pontos atacados, e se esforçou para restituir, ao berço do Cristianismo, o seu verdadeiro caráter e a sua verdadeira fisionomia”. Dentre outras, são estas as expressões do clérigo João Batista de Siqueira, ao apresentar ao público brasileiro o vernáculo dessa obra já traduzida para o francês, o italiano e o espanhol e cinco vezes reeditada em sua língua original.

Trata-se, por conseguinte, de obra de fôlego e de perito.

E eis o que ela nos exhibe sobre o assunto: “Os Atos dos Apóstolos (capítulos 1 a 11) só referem sua [de Pedro] pregação em Jerusalém e Palestina nos primeiros anos da Ascensão do Senhor, seu sermão no dia de Pentecostes, a cura do paralítico defronte da porta do Templo, as duas prisões e seus trabalhos em Samaria e Judéia. Além disso, NOS DEIXAM NA INCERTEZA SOBRE O LUGAR PARA ONDE SE DIRIGIU depois de encarcerado por Herodes Agripa, e milagrosamente posto em liberdade, pois somente diz: **“E, saindo, retirou-se para outro lugar”**. Mas, embora a Tradição o assinale como fundador da sede episcopal da Antioquia, é de crer que se dirigisse em seguida até a Síria ... Tampouco das outras Escrituras Sagradas se podem obter outras notícias sobre ele... Do final da Primeira das suas Cartas (5.13) se infere que chegou a Roma, que aí é designada com o nome de

Babilônia... No que respeita à permanência do apóstolo em Roma, a Tradição diz-nos que foi de vinte e cinco anos (42-67), embora não signifique isto uma estada permanente e ininterrupta, senão se referindo à sua chegada e à morte de Pedro em Roma” (página 30).

Reconhecemos a veracidade das conclusões de Funk quanto aos tópicos biográficos de Pedro registrados nas Sagradas Escrituras e sublinhamos as seguintes notas:

* O historiador alemão nem sequer se refere à ida de Pedro para Roma logo após a sua libertação miraculosa das cadeias de Herodes Agripa, enquanto alguns querem ver naquele: **“e, saindo, retirou-se para outro lugar”** (Atos 12.17) a viagem do Apóstolo para a Capital do Império;

* Impossível ao bom senso admitir uma permanência de 25 anos em Roma, se, como observa Funk, “não signifique isto uma estada permanente e ininterrupta, senão se referindo à sua chegada e à morte de Pedro em Roma”. Como se pode admitir uma estada de alguém em algum lugar durante 25 anos se, logo após a sua chegada ausentou-se dali e somente voltou pouco antes de sua morte?;

* Funk ainda contraria Daniel Rops, que afirma ter sido muito longa a estada de Pedro na Urbs, “interrompida apenas por curtas ausências, devidas principalmente a viagens a Jerusalém” (Ob. Cit., página 109).

3) PHILIP HUGUES, o autor inglês da HISTÓRIA DA IGREJA DE CRISTO, cuja tradução em nosso idioma foi, em 1954, divulgada pela Companhia Editora Nacional (S. Paulo), apenas de passagem menciona o assunto: “...a Igreja de Roma, a qual, segundo a Tradição universal, teve por chefe o Apóstolo Pedro... Não sabemos a data precisa em que a Igreja de Roma foi fundada, tampouco a data em que S. Pedro, pela primeira vez, foi a esta cidade. Mas é tradição universal que S. Pedro governou a Igreja Romana e que, em Roma, deu a vida por Cristo durante as perseguições de Nero” (páginas 17 e 18).

Sem argumentos ponderáveis, Hugues, de modo genérico, apela para a Tradição universal.

4) Convoco agora para depor o frade DAGOBERTO ROMAG, OFM, lente de História Eclesiástica e autor do COMPÊNDIO DE

HISTÓRIA DA IGREJA (Editora Vozes Ltda., Petrópolis, Brasil, 1939). E ele nos atende e afirma: “Se é incerto quem fosse o primeiro pregador do Evangelho em Roma, é certo, porém, que o próprio príncipe dos Apóstolos ali pregou, estabeleceu a sua sede episcopal e sofreu o martírio... Depois da morte de Agripa, voltou à igreja-mãe (Jerusalém), presidiu o Concílio dos Apóstolos, encontrou-se com S. Paulo em Antioquia e governou, segundo a Tradição, por sete anos, esta Igreja. Depois de diversas viagens pelo Oriente e pela Grécia, estabeleceu-se definitivamente em Roma e dirigiu os destinos desta comunidade até a sua morte” (páginas 48-49).

Veja só, sr Karol, o frade arranjou uma viagem do pescador de Betsaida à Grécia! E por outras terras do Oriente!

À página 50, com extrema petulância, sentencia: “No entanto, há tantas provas da estada de S. Pedro em Roma, e provas tão convincentes, que só um homem de má fé pode ainda duvidar dela”.

Estes informes assim expostos com tamanha segurança são, todavia, prejudicados pelo próprio Romag quando assevera: “Infelizmente, as notícias que possuímos de S. Pedro são muito escassas. Os Atos dos Apóstolos só se referem a sua pregação em Jerusalém e outras partes da Palestina até ao batismo de Cornélio. A sua atividade durante os anos seguintes é quase completamente desconhecida” (página 48).

Diante de Atos 12.17, **“e, saindo, retirou-se para outro lugar”**, o frade faz esta pergunta: “Para onde? Antioquia? Roma? Não sabemos”.

Uai! Não afirmou de pés juntos ser a dúvida quanto à estada de Pedro em Roma procedente de má fé?

Eis aí como se aviam os estoriadores católicos!

5) Agora vou catar DANIEL ROPS pelos colarinhos e trazê-lo à nossa mesa de debates, sr. Wojtyla.

Ele mesmo põe em xeque as suas afirmações anteriores. Na sua pertinácia vaticanista continua a admitir: “A estada de S. Pedro em Roma constitui um dos mais palpitantes assuntos de discussão pelo que se refere a esse período da História Cristã, discussão tanto mais viva quanto uma relação precisa entre a igreja de Roma e S. Pedro é evidentemente de toda a importância,

quanto à origem da autoridade dos papas” (Ob. Cit., página 108 – nota 22).

É-lhe, todavia, absolutamente impossível admitir a sua imensa frustração: “Infelizmente, não temos informações seguras sobre a ação desenvolvida pelo príncipe dos Apóstolos depois de sua estada em Antioquia” (páginas 108-109).

CONCLUSÕES: Ao lume dessas citações mencionadas, tiramos as seguintes conclusões:

PRIMEIRA: De pés juntos, o Pontifício Instituto Bíblico de Roma, em consonância com a doutrina católica, afirma na Introdução à Carta aos Romanos de sua versão da BÍBLIA SAGRADA (ano 1967): “Dispôs a Providência que Paulo, quando prisioneiro, apelasse para César, na presença do Governador Festo (Atos 25.12), razão porque foi remetido para Roma, algemado, onde permaneceu durante dois anos completos, dando testemunho de Cristo (Atos 28.30-31). Dessa forma, teve ele, juntamente com S. Pedro, a honra de ser fundador da Igreja de Roma”.

SEGUNDA: Esforçam-se esse historiadores por encontrar na chamada Tradição universal, pobre, aliás, de informes sobre o assunto, os argumentos que não encontram nas Sagradas Escrituras.

TERCEIRA: Asseveram que Pedro foi bispo durante 33 anos. Admitem um episcopado em Roma durante 25 anos, depois do seu episcopado de 7 ou 8 anos em Jerusalém. E quanto durou a sua permanência em Antioquia, de cuja Igreja, segundo alguns, é também fundador? Sete anos?

Se durou 7 anos, como alguns historiadores pretendem, então o episcopado do Apóstolo foi de 40 anos. Diante da dificuldade, porém, escapam por esta válvula: Enquanto bispo de Roma, Pedro foi a Antioquia, fundou aí a Igreja e dela foi também bispo no período de 7 anos. Cumulou suas sedes episcopais. E tão distantes! Naquele tempo sem os meios de transporte de hoje!

QUARTA: É de preocupar ao investigador honesto a carência de unanimidade entre os historiadores católicos no tocante ao assunto tão transcendente para a cobiça vaticana.

A cadeia da sucessão ininterrupta dos pontífices romanos, apesar da prosópia do Concílio Ecumênico Vaticano II que insiste e persiste em proclamar o romano pontífice como sucessor de Pedro, é falida já no seu elo básico.

O catálogo nobiliárquico dos “papas” desmoraliza-se logo de início...

Agora, meu caro Karol Wojtyla, um pedido! Atenda-o. Do contrário dará mostras de falta de cavalheirismo.

Não fulmine com a pena da excomunhão esses historiadores e nem os bispos que lhes autorizaram os livros, concedendo-lhes o competente “*imprimatur*”.

Eles também são vítimas da impostura, apesar de quererem sustentá-la.

A maior desgraça é a de ser forçado a defender uma causa falida.

Tenha piedade deles, como eu tenho piedade de V. Sa.

Aníbal
NA MILÍCIA DA VERDADE

.oOo.

SÉTIMA
CARTA

NEM A TRADIÇÃO FAVORECE
A SUCESSÃO PETRINA

SR. JOÃO PAULO II OU
KAROL WOJTYLA:

A Tradição, consoante a teologia de V. Sa., é a sua mais importante fonte de revelação religiosa.

Nem essa fonte importantíssima, no contexto da doutrinação romanista, socorre a sua cobiça no tocante a desfruir V. Sa. da sucessão pontifícia de Pedro.

Senão, meu caro Wojtyła, vejamos:

1) A autoridade da patrística mais remota arrolada pela dogmática vaticana é Clemente, sobre quem pairam profundas dúvidas, como, de resto, ocorre com todos os “santos padres” das remotas eras.

“Apesar do muito que sobre S. Clemente se tem dito, a sua origem continua incerta. Há quem diga que foi um judeu convertido em Filipos e que foi mesmo companheiro de S. Paulo, atribuindo-lhe o nome de Clemente, que S. Paulo nomeia na sua Epístola aos Filipenses (4.3). Outros dão-lhe origem pagã, ora tão alta, que o confundem com Flávio Clemente, primo de Domiciano; ora tão baixa, que o supõem escravo e liberto” (pe. João Batista Lourenço Insuelas – CURSO DE PATROLOGIA – Braga, Portugal, 2ª edição “revista e castigada pelo autor”, 1948, página 27).

Diante de tantas incertezas sobre Clemente, o professor do Seminário Católico de Braga aceita como líquida e certa, a tradição de seu sumo pontificado como terceiro sucessor de Pedro: “O que é, porém, certo é que, segundo uma tradição segura, S. Clemente foi o terceiro sucessor de Pedro no sumo pontificado (Pedro, Lino, Anacleto, Clemente) e que foi um grande pontífice, cuja ação e vida a Igreja admirou e abençoou” (página 28).

Observe, sr. Karol, tudo é incerto na vida do homem, desde a sua origem. Mas, porque interessa à dialética romana, é segura a tradição do seu pontificado.

Conforme a tradição “segura” (?), “S. Clemente deve ter conhecido e talvez mesmo convivido com os Apóstolos, pelo menos S. João” (página 28).

Esse “TALVEZ” e esse “PELO MENOS” destoam da “TRADIÇÃO SEGURA”... Não é fato, sr. João Paulo II?

“Há incerteza sobre o lugar que lhe cabe na série dos pontífices romanos. Irineu, Hegesipo, Tertuliano, Eusébio, Jerônimo e Epifânio trazem notícias sobre a questão, mostrando eles mesmos confusão em seu critério, confusão esta, certamente devida às fontes que lhes estavam à disposição” (Sigfrido Huber –

DOCUMENTOS DE LA IGLESIA PRIMITIVA – LOS PADRES APOSTÓLICOS – Ediciones Desclée, de Brouwer, Buenos Aires, 1949, página 90).

De suas obras só resta uma. Isto é, restam fragmentos de uma. De sua “EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS”, em cujos fragmentos não consta o nome do autor. Pelo testemunho muito posterior de outros é que se supõe ser de Clemente a mencionada carta, cujos fragmentos nos exhibe Eusébio (265-340) em sua HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA (Ob. Cit., página 28).

À vista de tantas incertezas ligadas a esse “documento”, poderemos admitir, em bom senso, sua autenticidade? Levem-se em conta, outrossim, as informações desabonadoras sobre a obra literária de Eusébio, cuja autenticidade também é posta em dúvida.

Transcrevemos o tópico (c. 5, 6) onde a teologia romana quer ver uma alusão à estada de Pedro na Capital do Império.

A tradução deste trecho da carta de Clemente é de Leonel Franca (A IGREJA, A REFORMA E A CIVILIZAÇÃO – Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1948, 5ª edição) feita “imediatamente do original” (inexistente, aliás).

“Mas deixemos antigos exemplos, venhamos aos atletas mais recentes, proponhamos os exemplos generosos do nosso século... Ponhamos diante dos olhos os bons apóstolos: Pedro que pelo ódio iníquo sofreu, não um ou dois, senão muitos trabalhos e depois do martírio se foi para a mansão da glória. Por causa do ódio e da inveja recebeu Paulo o prêmio da paciência: sete vezes encarcerado, exilado, apedrejado, arauto do Evangelho no Oriente e no Ocidente, granjeou fama ilustre da sua fê. Depois de haver ensinado a justiça ao mundo inteiro veio ao extremo Ocidente e padeceu o martírio diante dos prefeitos e assim se partiu do mundo para o lugar santo, deixando preclaro exemplo de paciência. A ESTES SANTOS VARÕES que ensinavam a santidade se associou grande multidão de eleitos que supliciados e atormentados pelo ódio foram ENTRE NÓS de ótimo exemplo”.

Nesse “ENTRE NÓS” a sofistaria papal julga encontrar uma alusão à estada de Pedro em Roma, donde Clemente escrevia.

Quando um indivíduo está se afogando em pleno rio agarra-se ao menor galho que, porventura, ao seu lado passe...

Se de algum valor gozasse esse folhetim atribuído a Clemente, veríamos nesse “ENTRE NÓS” uma referência a todo o povo cristão. Não seríamos obrigados a entender uma menção à Urbs.

Se Franca se abeberou dos originais (?) para traduzir o tópico acima transcrito, o seu confrade de ordem jesuíta, W. Devivier, árdego polemista, apresenta a seguinte tradução do último parágrafo: “Foram eles de grande exemplo entre nós; FOI AQUI que eles suportaram os ultrajes dos homens e sofreram toda sorte de torturas” (Ob. Cit., página 357).

Será que este “FOI AQUI” consta do original?

Eis uma pequena amostra da chamada patrística, o órgão da Tradição!

2) O “pai da igreja” logo a seguir a Clemente a ser invocado é Inácio de Antioquia, morto no ano de 107. Este personagem também é rodeado de muitas lendas. “A respeito da vida de Sto. Inácio não passamos de piedosas conjecturas. Só por suspeita se diz que teria nascido de família pagã e que mais tarde se convertera. É muito provável que assim fosse, em virtude das circunstâncias daquele tempo” (pe. João Batista Lourenço Insuelas - Ob. Cit., página 30).

Diz Romag que, em sua Carta aos Romanos (4.3), ao afirmar: “Eu não vos ordeno como Pedro e Paulo”, supõe a existência do príncipe dos Apóstolos em Roma (Ob. Cit., página 50).

Estes são os depoimentos fundamentais oferecidos pela patrística, porquanto “os testemunhos posteriores, conforme confessa Funk, não têm grande força probatória” (Ob. Cit., página 31).

E, quanto àqueles depoimentos fundamentais anteriores, o professor de Salamanca levanta sérias e irretorquíveis suspeitas: “*Sin embargo, hemos de reconocer que todas estas noticias son algo tardias e, aunque muy atendibles, no suficientemente garantizadas*” (BIBLIA COMENTADA – Madrid, 1965, *in loco cit.*).

3) No item 1 referimo-nos a Eusébio, sempre muito citado quando surgem à baila os “pais da igreja”, sonhados órgãos da Tradição, a importantíssima fonte de revelação religiosa no contexto teológico romanista.

As obras dos “santos padres” ou “pais da igreja” dos três primeiros séculos, ou por inteiro ou em fragmentos, foram guardadas por

Eusébio, sobretudo em sua HISTÓRIA ECLESIASTICA, dividida em 10 livros.

Daquela literatura não se encontra exemplar algum ou outro registro anterior à obra de Eusébio. Se não fosse, pois, este historiador, nada teríamos daquela literatura.

Merece, porém, crédito o seu trabalho literário?

PROVAVELMENTE nasceu por volta de 265 na cidade de Cesaréia. Tornou-se sacerdote nessa cidade e depois o seu bispo. Existia ali uma biblioteca onde fez as suas investigações e coligiu dados.

Com exceção de um período em que no Egito se refugiara de uma perseguição, sempre viveu em Cesareia. Jamais, por conseguinte, pôde se valer das grandes bibliotecas dos grandes centros intelectuais de sua época.

A sua HISTÓRIA ECLESIASTICA, a primeira obra do gênero, é considerada de valor inestimável pela teologia romana por lhe haver preservado a literatura acima mencionada. “É uma fonte preciosa à qual têm ido beber todos os demais autores que, depois dele, escreveram sobre a história da Igreja. Sem ele, os três primeiros séculos da história da Igreja ficariam desconhecidos”, declara Insuelas em seu CURSO DE PATROLOGIA já referido (página 300).

J. Tixeront, em *PRECIS DE PATROLOGIE*, distingue na História Eclesiástica de Eusébio, “um livro de primeira ordem, que serviu de modelo e guia aos seus continuadores”.

Todas estas apreciações da obra, porém, não a eximem de seus graves e muitos defeitos, consoante o reconhecimento do próprio clérigo João Batista Lourenço Insuelas (Ob. Cit., página 300). E Tixeront confessa que “a sua cronologia é deficiente” (Ob. Cit., página 355).

Aí, na enorme Biblioteca Vaticana, V. Sa., sr. Karol Wojtyla, tem muitas obras carregadas de suspeitas quanto à sucessão dos “papas” contemporâneos dos “pais da igreja”.

Em consequência da falta de genuinidade e legitimidade de das obras patrísticas, a teologia romana se sente em gravíssimas dificuldades quando recorre à Tradição, embora cause pasmo aos menos avisados, que se deixam levar pelas suas citações bombásticas dos “santos padres”.

Não lhe peço desculpas, sr. Wojtyla. Nenhum agravo lhe faço por lhe refrescar a memória no tocante a estes embaraços levantados pela sua própria teologia.

Comisero-me, isto sim, de sua pessoa encharcada no pantanal de tantas falsificações.

Aníbal
NA MILÍCIA DA VERDADE

.oOo.

OITAVA
CARTA

SERÁ QUE A ARQUEOLOGIA
CONFIRMA A PRESENÇA DE
PEDRO EM ROMA?

SR. JOÃO PAULO II OU
KAROL WOJTYLA:

Chiiii..., meu caro Karol, estarei sendo importuno?

Inoportuno sei que não estou sendo porque, enquanto persiste a mentira, deve-se envidar todos os esforços a fim de espancá-la.

Noutro dia, quando lhe escrevi a Quarta Carta, fui breve por reconhecer-lhe a canseira de um dia repleto de audiências e recepções, sobretudo de diplomatas e de representantes de tantos países.

Passado aquele dia, nem me lembrei mais dos seus possíveis cansaços.

Hoje, por certo se acentua a sua estafa em decorrência da sua viagem a Assis, na Úmbria, onde V. Sa. foi visitar o túmulo do “meigo” Francisco e da Clara, “santos” da sua particular devoção. Recorre V. Sa., à “intercessão” deles em benefício de seu pontificado. Valeu-lhe a viagem pelo passeio. O seu recurso aos “santos” é inútil por inexistir a procurada “intercessão”.

Sabe? A Verdade sempre é importuna, embora nunca seja inoportuna. Ela é importuna ao embuste.

Tenha, portanto, paciência, com a Verdade. Ela prosse gue a desmascarar a impostura.

Persisto em lhe escrever por me encontrar NA MILÍCIA DA VERDADE.

Se V. Sa. teimar na recusa da Verdade, muitos outros – todos os apreciadores da Verdade – a aceitarão. Sentir-me-ei, em defluência, recompensado e feliz.

Vencida a introdução, vamos ao cerne do assunto desta Carta.

A ARQUEOLOGIA porventura favorece a ambição papista da estada, da morte e da sepultura do pescador Galileu em Roma?

Acredito que estas cartas cairão nas mãos do povo.

V. Sa. sabe o que é Arqueologia. O povo ignora.

Data venia, em palavras sucintas elucidarei o termo.

Arqueologia é o estudo das coisas antigas ou a ciência dos antigos monumentos, como das pirâmides do Egito ou da Basílica de “São” Pedro.

Pois bem, sr. Karol, essa ciência estará, por acaso, ao lado das suas ambições?

Bem ao contrário! Tamanhos esforços empreendidos por seus antecessores para arrastar a Arqueologia ao lado das pretensões vaticanas, em sendo frustradas e inúteis, também provam e comprovam a total ausência de Roma por parte do Apóstolo cuja sogra Jesus curara.

Um parêntese! Data venia! Pedro, sr. Karol, tinha sogra? Por que será? Ah, ele era casado! E a sua sogra? Não a tem?

Superadas as perguntas “indiscretas”, prossigamos em nosso assunto. Segundo a pregação clerical, aconteceu em Roma, no circo de Nero, a morte de Pedro, no ano de 67, quando foi crucificado de cabeça para baixo. Deu-se a sua sepultura num cemitério vizinho do lugar do martírio, onde também foram enterrados os seus primeiros sucessores. De acordo com essa mesma tradição (ou lenda?), os restos mortais do Apóstolo foram transportados, no século III, por ocasião da perseguição de Valério, para as catacumbas de S. Sebastião, na Via Ápia. Outra tradição, contudo, segundo o testemunho de Caio, diz que o corpo de Pedro foi sepultado logo no lugar de sua morte.

1) Eusébio, o primeiro a escrever uma História Eclesiástica, deveria relatar esses fatos. Omite-os, porém. É de se estranhar a omissão do traslado dos ossos do primeiro “papa” se tivesse acontecido no século III, pois Eusébio relatou fatos bem anteriores.

O arqueólogo Monsenhor Belvederi, com outros, quer sair das dificuldades impostas pela insegurança dessas duas tradições e assegura que só no século VI o corpo de Pedro voltou para as grutas vaticanas.

Ora, esta evasiva de Belvederi cria outro embaraço. Como se explicaria a construção da primitiva Basílica de S. Pedro, por Constantino Magno no século IV?

2) O Vaticano sempre defendeu a presença do túmulo do “príncipe dos apóstolos” sob a suntuosa Basílica construída no fim da Idade Média em cima da anterior. Esta segunda Basílica, a atual, teve, em 1503, o início de sua construção. Terminou 127 anos depois, em 1630. É a maior do mundo, com os seus 216 metros de comprimento, 137 de largura máxima e 138 de altura.

Com a notícia da infligência de terríveis castigos sobre quem ousasse perturbar o sono dos sacrossantos ossos, ninguém ousava esclarecer dúvidas sobre a existência ou não desse túmulo.

Só ao tempo do “papa” Leão XIII (1878-1903), o pe. Grisar procedeu a algumas pesquisas, cujas conclusões permaneceram em sigilo por serem desfavoráveis à lenda. Ao tempo de Bento XV (1914-1922) desejou-se nova tentativa, mas, à última hora, o “papa” retirou a licença de se levarem a efeito novas pesquisas

debaixo do altar da Confissão, onde se encontram, segundo se propala, os ricos despojos.

3) Para se atender o desejo de Pio XI (1922-1939) de ser sepultado ao lado de Pio X (1903-1914), houve necessidade, por ser bastante volumoso o seu mausoléu, de se rebaixarem em 80 centímetros os pavimentos das grutas vaticanas. Esta operação pôs a descoberto uma riquíssima necrópole, de cuja existência apenas havia suspeita. O “papa” Pio XII (1939-1958) determinou, em 1939, trabalhos de exploração, nomeando uma comissão, a Comissão de Arqueologia Sagrada, para dirigir as pesquisas arqueológicas, cujos principais membros foram Francesco Vacchini, Ferrua, Kirschbaum, José Apollonii Ghetti, sob a relatoria de Monsenhor Kaas. Sob juramento de sigilo, empenharam-se estes na exploração extremamente difícil, pois executaram-na debaixo da enorme massa da Basílica.

Enorme discrição cercou os resultados dessa longa e árdua pesquisa por causa do sigilo obrigatório até em relação a coisas menos importantes (semelhante ao “segredo de Estado”), a que se submeteram os membros da aludida Comissão.

Na verdade, todas as pessoas participantes dessa empresa arqueológica, estão obrigadas, por juramento, a não revelar a ninguém os resultados dos trabalhos, enquanto o “papa” em pessoa não as tiver autorizado a falar.

A razão mais importante desse sigilo sob juramento tão severo é a possibilidade de uma frustração quanto ao objetivo dessas operações, qual seja o encontro do túmulo de Pedro.

Imagine-se, aliás, se fosse encontrado? Se provas concludentes revelassem sua presença sob a suntuosa Basílica? Festas espetaculares engalanariam o evento sensacional! E a velha contestação à estada de Barjonas em Roma seria definitivamente emudecida.

Esse resultado teria, pois, o valor incalculável de pôr cobro às dúvidas contra a presença de Simão na Capital do Império, levantadas pelos adversários da descendência direta dos pontífices relativamente ao apóstolo.

Encontrarem-se esse túmulo e os restos do esqueleto de Pedro significaria o maior objetivo dessas escavações arqueológicas levantadas muito a sério pelos últimos “papas”.

4) A zona das operações efetivadas naqueles primeiros anos do pontificado de Pio XII vai desde a Confissão coberta, onde se encontra a estátua de Pio VI, até ao limite da anterior Basílica, a construída no século IV por Constantino, cujos restos e escombros foram descobertos um pouco para lá das colunas internas de Bernini.

As escavações revelaram que o gigantesco templo construído por Constantino não o foi sobre terreno sólido, mas sobre a terra posta para recobrir um verdadeiro cemitério constituído por nichos de cerâmica, sepulcros murais com os nomes dos enterrados, sarcófagos e os *graffiti*. Estes *graffiti*, segundo o desejo dos arqueólogos católicos, podem ser vestígios do troféu venerado pelos fiéis no decurso dos três primeiros séculos de nossa era.

5) Em 1942, descobriu-se também uma grande quantidade de moedas, que remontam aos primeiros séculos e pertencem a vários países da Europa. Nestas moedas os interessados pela estada de Pedro na Urbs vêem confirmada a existência do sepulcro, pois semelhantes moedas demonstram as esmolas depositadas pelos peregrinos.

Essas descobertas levaram os pesquisadores a admitir que o túmulo de Pedro estaria nas proximidades daquele local, consoante a Tradição, um antigo costume que se traduzia pelo desejo de se ser enterrado junto à tumba dos mártires.

Recorde-se, contudo, a admitir-se essa tradição, que as perseguições produziram muitos mártires, dos quais muitos foram enterrados nesse lugar. Na verdade, pois, a crer-se nessa tradição, a presença desses nichos, sarcófagos e sepulcros murais não demonstra forçosamente ali nas vizinhanças se encontrar o túmulo do mártir Pedro.

Essas revelações, evidentemente autorizadas por Pio XII, foram propagadas pelo *Illustred London News*, de 7 de setembro de 1946, sob o solene cabeçalho: “MAIS IMPORTANTE DESCOBERTA ARQUEOLÓGICA FEITA DURANTE A GUERRA: AS CATACUMBAS ROMANAS DEBAIXO DE S. PEDRO, ROMA”.

Esta notícia, porém, deixou desapontados os católicos interessados na descoberta dos despojos do suposto primeiro “papa”. “As descobertas atuais”, informou aquele órgão, “acabam com a tradição de que a Basílica de Constantino foi fundada no local do Circo de Nero e Calígula em que, segundo a tradição,

ocorreu o martírio de S. Pedro. Foi uma surpresa que não se encontrasse vestígio algum do Circo nem da Via Cornélia debaixo de S. Pedro, ambas as quais os antigos topógrafos mostravam ficar debaixo da Basílica do Vaticano”.

6) As escavações em profundidade, sr. Karol Wojtyla, prosseguiram até a descoberta de uma grande necrópole pagã, anterior à Basílica de Constantino, onde se encontram urnas, túmulos majestosos e inscrições. Dentre os túmulos se destacam, pela sua beleza, os das famílias Valerii, Marci e Caetanni. Encontrou-se também um mausoléu egípcio, cuja ânfora de alabastro é esplêndida.

A revista *Life*, em sua edição de 27 de março de 1950, consagrou dezenas de páginas a uma reportagem de Mons. Kaas, o relator da Comissão Arqueológica e dirigente das pesquisas sobre os descobrimentos das escavações nos subterrâneos da Basílica Vaticana. Kaas relata, inclusive, a interferência de um feiticeiro, um adivinho, solicitada pelo grupo arqueológico. Depois de historiar os episódios das operações, afirma: “Qualquer pessoa de fé que passou pela necrópole escavada e que depara com a vizinhança imediata do lugar atribuído pela Tradição cristã ao túmulo de S. Pedro sucumbe à lógica silenciosa, mas eloqüente, do ambiente”.

Falou, falou, mas não disse...

Serão, por acaso, válidos estes descobrimentos para os não-católicos?

“Os que não são católicos”, declara Kaas, “talvez não considerem esta afirmação sob a mesma luz”, argumenta, contudo, que a evidência desafia os “descrentes a provar o contrário da afirmação da Arqueologia”.

Que evidência? O que provam aquelas descobertas?

Porventura aquelas moedas, aqueles sarcófagos, aquelas inscrições, aqueles *graffiti*, aqueles mausoléus provam a existência do túmulo de Pedro nesse sítio?

7) A revista *Time*, de Nova Iorque, de 20 de dezembro de 1951, publicou novo relatório dos trabalhos e se referia à “EVIDÊNCIA”, consoante o Vaticano, “cientificamente incontestável”.

O *Plain Dealer*, de Cleveland, EUA, de 21 de dezembro de 1951, no artigo intitulado “CIENTISTAS DO VATICANO NOTICIAM

SEPULTAMENTO SEM TÚMULO DE S. PEDRO” declarava: “Os peregrinos que visitam as grutas do Vaticano poderão chegar a menos de 3 metros do lugar onde as autoridades do Vaticano dizem que S. Pedro foi sepultado, mas não poderão ver o seu túmulo. Pois não há túmulo”.

Ao invés do túmulo, descobriu-se uma “sepultura feita de alvenaria rústica, como aquelas feitas para os mais pobres” e da qual só um lado da parede permanecia.

E a “EVIDÊNCIA” apregoada por Mons. Kaas?

Certas circunstâncias, como as moedas encontradas e algumas inscrições, de acordo com a revista *Time*, ainda na edição de 21 de dezembro de 1951, denotam que “os cristãos veneravam este local, desde a segunda metade do primeiro século”. Outras notícias, porém, declaravam que se prestava à veneração desde a segunda metade do século II.

8) Em 24 de novembro de 1952, volta a revista *Time* ao assunto das investigações arqueológicas do Vaticano, com um artigo sob a epígrafe: “O TÚMULO DE S. PEDRO PODE SER FONTE DE NOVAS DESCOBERTAS”, em que afirma: “Autoridades do Vaticano disseram hoje que, em breve, poderá surgir a evidência que liga a tradição do sepultamento de S. Pedro a uma geração mais próxima de sua existência do que fizeram as recentes escavações debaixo da Basílica de S. Pedro.

“Os arqueólogos descobriram recentemente a primeira evidência escrita debaixo da Basílica de que o lugar era considerado local do sepultamento de S. Pedro pelo menos desde os primeiros anos do século IV. A evidência apresentada esta semana na Academia Romana Pontifícia de Arqueologia pela Professora Margherita Guarducci, especialista em antigos epígrafes romanos, talvez date dos anos concludentes do terceiro século ou até mesmo do período logo após o ano 250”.

A evidência: “Baixo-relevo na parede de um mausoléu pagão debaixo da Basílica incluía uma inscrição” que “era um pedido a S. Pedro que intercedesse pelos cristãos enterrados perto dele”.

Havia também um retrato, evidentemente, pretendendo-se ser de Pedro, com a palavra “Petrus”.

As notícias procedentes do Vaticano naquele dezembro de 1951 foram para as manchetes da grande imprensa internacional. A fazer coro com o *Time* e o *Plain Dealer*, o *Tribune*, de Nova Iorque,

também em 21 de dezembro de 1951 declarava: “As inscrições, similares às centenas que se encontram mesmo hoje em muitas paredes da atual Basílica em consequência das visitas dos soldados norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial, incluem evidência de que os primitivos visitantes acreditavam que S. Pedro pudesse ser venerado neste lugar”. Outra vez a evidência que nada evidencia!

E onde a evidência apregoada por Kaas?

9) Com tantas tergiversações e contradições aparece a “evidência cientificamente incontestável” da presença do túmulo de Pedro sob a monumental Basílica de S. Pedro?

Primeiro, as notícias afirmam que o lugar era venerado na segunda metade do século II e até mesmo do século I. Cerca de um ano depois, declaram que a informação anterior indicava apenas a primeira metade do século IV, mas agora há evidência que mostra a veneração na segunda metade do século III.

Isso é evidência? Ou amostra de absoluto fracasso das pesquisas quanto ao seu grande intento?

Aliás, nenhuma das inscrições encontradas declara que foi Pedro sepultado ali.

Supondo-se, outrossim, provada a veneração de Pedro nesse lugar, significaria apenas a existência dessa tradição na segunda metade do século III e não que a tradição em si fosse verdadeira.

Nos mausoléus encontrados há inscrições. Nas sepulturas simples não. E nenhum deles menciona o nome de Pedro. Como, então, distinguir-se nos que estão sem inscrição alguma o túmulo dele?

10) Encontrou-se, contudo, uma urna de pedra com a inscrição: “*Ossa Beati Petri*”.

A Comissão Arqueológica atribui grande valor à urna, não tanto por essa inscrição, mas pela sua própria existência e arquitetou uma história.

Durante as perseguições de Valeriano, no ano 268, para livrá-los de possíveis profanações da parte dos pagãos, os ossos do apóstolo foram transferidos temporariamente “*ad catacumbas*” sob a Via Ápia. Somente no século IV, quando foi iniciada a construção da Basílica por Constantino (na qual devia ser erigido, de acordo com o costume, um altar-mor que tivesse por base o local onde

repousava o mártir, em cuja honra se dedicava o templo), o corpo foi levado de novo ao Vaticano. Na época da trasladação, os restos mortais do apóstolo já deveriam estar reduzidos a cinzas e a alguns ossos, e assim poderiam facilmente ser colocados num pequeno cofre de madeira.

É uma história mirabolante. Primeiro: porque, se no século IV, ao serem postos na urna os ossos, se reduziriam a fragmentos (a urna é pequena) e a cinza, hoje, quinze séculos depois, a que esses fragmentos e ossos se reduziriam? Segundo: porque, quando da construção da atual Basílica, no fim da Idade Média, deveriam ter tido o cuidado de construir o altar-mor sobre a sepultura do mártir e então viram essa urna, pois as paredes de 138 metros de altura exigiam escavações profundas, muito abaixo da camada onde foi encontrado na década de 40 o mencionado cemitério. Terceiro: porque, com a construção da atual Basílica, os eclesiásticos daquele tempo, de certo, se preocupariam em proclamar o túmulo de Pedro, o mártir em cuja honra se erguia o templo. Quarto: enfim, porque a própria inscrição: “*Ossa Beati Petri*”, para a Comissão Arqueológica é reconhecida sem valor por haver sido colocada posteriormente.

11) Apesar da “evidência” propalada por Mons. Kaas, o dirigente das pesquisas arqueológicas – e “EVIDÊNCIA CIENTIFICAMENTE INCONTESTÁVEL” – em sua radiomensagem para o mundo no Natal de 1952, o “papa” Pacelli, Pio XII, anunciou oficialmente o encontro do túmulo e dos ossos encontrados, mas salientou NÃO SER POSSÍVEL PROVAR QE PERTENCIAM AO ESQUELETO DE S. PEDRO.

A “evidência cientificamente incontestável” não convenceu nem o “papa”, o maior interessado em encontrar o troféu.

O cofre continua guardado. E nos aposentos particulares do sumo pontífice. Há quase 30 anos!

Durante todos esses anos, os trabalhos prosseguiram, demonstrando, é lógico, o insucesso das pesquisas.

12) A todo custo, porém, a hierarquia vaticana anseia encontrar provas arqueológicas da estada de Pedro em Roma.

Suas vistas, além de continuarem assestadas nas escavações, voltam-se também para outros objetos.

Consoante uma tradição, os fragmentos de madeira encerrados num grande monumento de bronze, esculpido por Bernini, instalado na ábside da Basílica de S. Pedro, são da cátedra em que se sentava o primeiro “papa”, Simão Barjonas, a demonstrar a sua autoridade suprema no governo da Igreja.

Muitos historiadores, contudo, gostariam de ver posta à prova essa tradição multissecular e, em 1967, apelaram para que fossem aqueles fragmentos submetidos à análise do carbono 14 ou carbono radioativo a fim de se determinar a idade precisa da relíquia. Seria a prova definitiva. Paulo VI se escusou, alegando o receio de que o contacto com o ar possa contribuir para a destruição dos últimos fragmentos da cátedra (O ESTADO DE S. PAULO, 29 de novembro de 1967).

13) Em agosto de 1968, o “papa” Montini, Paulo VI, anunciou que os peritos encontraram provas convincentes de que os ossos que haviam sido achados sob a Basílica de S. Pedro eram do esqueleto do apóstolo. “No estado atual das conclusões arqueológicas e científicas”, declarou, “PARECE-NOS que podemos dar a toda a Igreja esta feliz notícia” (Ave Maria – S. Paulo, 30 de agosto de 1968).

As declarações pontificias decorreram de um episódio ocorrido em 1967. Margherita Guarducci, docente de epigrafia na Universidade de Roma e, como arqueóloga e membro da Comissão de Arqueologia do Vaticano, famosa pelos seus estudos sobre o túmulo de Pedro, sustentou ter descoberto os restos mortais do discípulo de Cristo nas escavações feitas sob o altar da Confissão. Encontrou-se, com efeito, dentro de uma caixa de madeira abandonada num ângulo das grutas vaticanas, um amontoado de ossos. No interior da caixa havia também um bilhete, alguns fios de púrpura, fragmentos de cal e de mármore e algumas moedas. Dois vigias testemunharam que a caixa de madeira fora localizada num nicho, de acordo com Guarducci, escavado em época constantiniana.

A arqueóloga determinou a um grupo de especialistas a análise daquele material.

Francesco Vacchini, partícipe da Comissão desde seu início e, na época desta descoberta, chefe do Serviço Técnico da Basílica, revelou que as análises feitas estabeleceram que os ossos

pertenceram a um homem de idade avançada e de físico robusto. Estas características somáticas correspondem às de Pedro?

Em suas declarações, Paulo VI se resguardou de seguras contestações e garantidos desapontamentos atrás de um “PARECE-NOS”.

Considerando-se estes dois últimos episódios, constata-se a presença de madeira. Os fragmentos da cátedra de madeira não podem ser retirados do monumento de bronze, onde apenas há cerca de 450 anos se acham recolhidos, por causa do perigo de completa destruição pelo contacto com o ar. Ora, e a madeira da caixa que há cerca de 1.700 anos, pelo menos, a admitir-se a tradição, ficou enterrada não se destruiria em contacto com o ar?

14) O povo católico supõe ser a Basílica de S. Pedro, como igreja oficial do “papa”, o principal templo de sua religião, além de ser o maior do mundo.

Enganam-se! Ou melhor, são enganados!

O Imperador Romano Constantino Magno determinou a edificação de dois templos, conhecidos como Basílicas Constantinianas: a de S. Pedro e a de S. João de Latrão.

A primeira foi edificada na passagem da Época Medieval para o Renascimento, em grande parte, à custa das indulgências, o estopim da Reforma Protestante.

Mas esta suntuosa Basílica não é a principal.

A de S. João de Latrão, sim! Dedicada ao Salvador, a João Batista e a João Evangelista, como a primeira entre todas as Basílicas da Urbs e do Orbe, é o mais privilegiado de todos os templos católicos romanos, como demonstra a legenda gravada no seu frontão: “*Sacrossanta Lacteranensis Ecclesia, omnium urbis et orbis ecclesiarum mater et caput*” (= sacrossanta igreja de Latrão, a mãe e a cabeça de todas as igrejas da Cidade e do Mundo).

Na quinta lição do Breviário Romano da Festa *In dedicatione archibasilicae SS. Salvatoris*, lê-se: “*Cuius consecrationis memoria celebratur hodierno die quo primum Romae publice ecclesia consecrata est et imago Salvatoris in pariete depicta populo romano apparuit*”.

Foi a primeira a ser consagrada. Antes da de S. Pedro, embora ambas construídas por Constantino.

Se, realmente, ao tempo deste Imperador, a jurisdição primacial de Pedro fosse reconhecida, não haveria sido dada a primazia à sua Basílica?

Sr. João Paulo II, já é muito tarde da noite. Desejo-lhe um sono povoado de bons sonhos. Desejo-lhe, sobretudo, jamais cair no ridículo dos seus antecessores.

Aníbal
NA MILÍCIA DA VERDADE

.oOo.

NONA
CARTA

O TESTEMUNHO DAS
SAGRADAS ESCRITURAS

SR. JOÃO PAULO II OU
KAROL WOJTYLA:

Certa imprensa italiana já começa a contestar suas declarações. Sei do seu empenho no crescimento da popularidade de sua pessoa e, por isso, as observações desfavoráveis devem aborrecê-lo.

Chegou em excelente hora a sua viagem ao México. É uma grande oportunidade para neutralizar os jornalistas contraditores.

Vi ontem na TV o amplo noticiário da sua viagem, precedida, aliás, de muito bem montada preparação.

V. Sa., quando jovem, em algumas vezes, se apresentou como artista de teatro. E nunca mais se esqueceu das regras da teatralidade. V. Sa. tem-nas inatas, pois sabe encenar quase com perfeição.

Seus gestos largos fazem-me lembrar os de Pio XII. Os seus, porém, são grosseiros. Os dele eram finos e aristocratas.

Isso pouco ou em nada importa.

Vi na TV. As revistas seculares também publicaram. Isso sim, impressionou a massa. Quando V. Sa. desceu do avião, já em S. Domingos, de imediato, prostrou-se e beijou o chão.

Em circunstância idêntica, no México, V. Sa. repetiu a cena, enquanto o Presidente da República Mexicana ficou com a mão no ar, à espera da sua para cumprimentá-lo.

Até num passado recente, as pessoas se ajoelhavam diante do “papa” para lhe beijar os sapatos. Agora o “papa” é que se deita no chão para beijar o asfalto.

A cena teatral capitalizou aplausos.

A máquina vaticana de promoção de sua pessoa saberá explorar seus rompantes teatrais como tem especulado sua fotogenicidade.

Tudo está muito bem, sr. Karol.

Sua posição religiosa, contudo, se enraíza na mentira.

Já vimos! O enorme trabalho dos historiadores católicos se frustra e se anula em suas contradições. Os “santos padres” ou “pais da igreja” em nada contribuem para as suas ambições pontifícias. A Arqueologia, nas suas últimas descobertas, deixou seus antecessores em desespero.

Se a Bíblia, sr. João Paulo II, viesse em seu socorro poderíamos esquecer todos os fracassos dos historiadores, da patrística e da Arqueologia.

As Sagradas Escrituras, porém, de igual maneira, se levantam contra a estada de Pedro em Roma.

Sr. Wojtyla, o caso é de desespero.

Continue com o seu teatro, que os idiotas – e sempre os há, porque o mundo gosta de ser enganado (*“mundus vult decipi”*) – os idiotas estarão do seu lado.

Os que gostam da Verdade o deixarão na ribalta da sua impostura, falando aos insensatos.

A Bíblia, a Santa, a Infalível, a Inerrante Palavra de Deus, com o seu absoluto silêncio, nega o exercício do episcopado por parte de Pedro na Capital do catolicismo vaticano, do qual se originaria a sucessão papista.

Se, de conformidade com as Páginas Sagradas, Simão Pedro jamais esteve em Roma e nessa cidade jamais exercera o seu episcopado, conclui-se que V. Sa., apelidado de João Paulo II, não é o 264º sucessor de Pedro!

Vamos aos argumentos bíblicos!

1) Os Atos dos Apóstolos ao relatarem os primórdios do Cristianismo, são cuidadosos em mencionar com pormenores as cidades onde Paulo Apóstolo esteve a exercer o seu ministério e até aquelas por onde simplesmente passou. Salamina, Pafos, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra, Derbe, Perge, Filipos, Tessalônica, Beréia, Atenas, Corinto, Éfeso, Selêucia, Anfípolis, Apolônia,...

Quanto a Pedro, isso não se dá. Aludem eles à sua estada em Jerusalém; à sua ida a Samaria, atendendo ao mandado dos apóstolos (Atos 8.14); à sua passagem por Lida, Jope e Cesareia. Após a conversão de Cornélio, o centurião da coorte italiana, subiu a Jerusalém. Segundo Gálatas 2.11, esteve em Antioquia e possivelmente em Corinto (1ª Coríntios 1.12). De Babilônia escreveu a sua Primeira Epístola. É só!

Em Atos 12.17, lemos: **“E, saindo, retirou-se para outro lugar”**. E a doutrinação romanista pretende perceber sua ida a Roma.

Mas, se Pedro fosse o chefe supremo, o pontífice da Igreja, superior a Paulo, com toda segurança, o livro dos Atos dos Apóstolos traria informes também precisos sobre as suas viagens e atividades.

Por que Lucas, o seu escritor, acompanhou-o *pari-passu* em relatando as primeiras atividades de Pedro até que surgisse Paulo? Se Pedro fosse o sumo pontífice, o superior a ou de Paulo assim não teria se comportado.

Se Pedro fosse o que o romanismo anseia, deveria Lucas, como historiador, focalizar vigorosamente as atividades

ministeriais do sumo pontífice a fim de solidificar o prestígio e a supremacia dos seus sucessores.

2) Em Atos 18.1-2 há a seguinte informação: **“Depois disto, deixando Paulo Atenas, partiu para Corinto. Lá encontrou certo judeu chamado Áquila, natural do Ponto, recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher, em vista de ter Cláudio decretado que todos os judeus se retirassem de Roma. Paulo aproximou-se deles”**.

Esse encontro de Paulo com Áquila e Priscila ocorreu por ocasião da Segunda Expedição Missionária do Apóstolo, em 53 ou 54. Evidentemente que Pedro, como judeu, não poderia ter permanecido em Roma. Por volta de 55, de resto, Paulo vai encontrá-lo em Antioquia (Gálatas 2.11).

É patente a ausência da Capital do Império por parte de Pedro até 55.

Ora, a informação de Atos dos Apóstolos é corroborada por Suetonius Tranquillus, autor da biografia de Cláudio, o Imperador truculento de 41 a 54, quando afirma que o “Imperador Cláudio expulsou de Roma todos os judeus... por causa de um certo Cristo”.

Rivaux, sacerdote católico romano e diretor do Seminário Maior de Grenoble, em seu TRATADO DE HISTÓRIA ECLESIÁSTICA, é obrigado a aceitar a irrefragável conclusão: “O chefe da igreja não veio então a Roma, porque estava ali em vigor o edito do Imperador Cláudio contra os judeus”.

O edito foi promulgado em 42 e Cláudio morreu em 54, até quando vigiu aquela determinação contra os judeus.

Portanto, sr. Wojtyla, Pedro não pode ter chegado à Capital do Império até 54. Em 55, ainda o encontramos em Antioquia (Gálatas 2.11). E de 54 a 67 medeiam apenas 12 anos.

3) Por ocasião de sua estada em Corinto, em sua Segunda Viagem Missionária, entre os anos 56-58, Paulo Apóstolo escreveu a Epístola aos Romanos a instruí-los sobre a doutrina da justificação. Ora, o nome de Pedro está ausente, enquanto envia o escritor saudações a 26 pessoas diferentes.

Porventura deixaria Paulo de mencionar Pedro, caso estivesse ele em Roma e aí fosse bispo?

Ainda mais. Se Pedro fosse o bispo da Igreja de Roma, não exorbitaria Paulo ao lhe escrever uma Carta doutrinária e cheia de instruções corretivas? Não teria invadido terreno alheio e desautorizado o primado jurisdicional de Pedro?

Ao negar-se a estada deste apóstolo em Roma é livrá-lo da acusação de preguiçoso e relaxado em instruir o seu rebanho a tal ponto de sugerir a necessidade da intromissão de Paulo.

A conclusão é lógica. O Apóstolo omite o nome de Pedro e com tamanha autoridade escreve esse documento, exatamente por que Simão galileu lá não vivia. Descontando-se, por conseguinte, mais 2 anos daqueles 12 que sobraram dos 25 anos, restam-nos dez a colocá-los na conta da suposta permanência de Pedro em Roma.

4) Entre 60 e 61, deve Paulo ter chegado preso a Roma (Atos 28.11-31). Ao descrever esta chegada, Lucas se refere aos irmãos que saíram ao seu encontro à Praça Ápio e às Três Vendas, **“vendo-os Paulo, e dando por isso graças a Deus, sentiu-se mais animado”**. Seria muito pouco caso de Pedro se deixasse de ir ao encontro de seu colega de apostolado, porquanto seria evidente a referência de seu nome nesse passo se lá houvesse comparecido. Sua ausência se explica por não residir em Roma.

Três dias depois de sua chegada, **“convocou os principais dos judeus”** (Atos 28.17) com o intuito de apresentar embargos às acusações que lhe eram assacadas. Embora nenhuma denúncia contra ele tivessem recebido, opuseram-se-lhe e disseram que **“é corrente a respeito desta seita que por toda parte é ela impugnada”** (Atos 28.22). Ora, na hipótese de ser Pedro bispo em Roma seria grave desleixo o não esclarecer os judeus sobre a seita, tanto mais que a sua primordial missão era o **“apostolado da circuncisão”** (Gálatas 2.8).

Ausente Pedro, coube ao Apóstolo Paulo declarar-lhes **“desde a manhã até à tarde, uma exposição em testemunho do reino de Deus, procurando persuadi-los a respeito de Jesus, tanto pela lei de Moisés, como pelos profetas”** (Atos 28.23).

Os derradeiros versículos de Atos dos Apóstolos declaram: **“Por dois anos permaneceu Paulo na sua própria casa, que alugara, onde recebia a todos que o procuravam, pregando o reino de Deus e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as cousas referentes ao Senhor Jesus Cristo”** (Atos 28.30-31).

Essa disponibilidade diante da pregação do Apóstolo por acaso não agravaria ainda mais a culpa de Pedro em se descuidar do seu ministério, sobretudo de evangelizar os judeus, se há quase 20 anos fosse o bispo local?

Mas, se Pedro houvesse sido tão relapso nesse descuido, Paulo, que em Antioquia severamente o recriminara (Gálatas 2.11), tê-lo-ia agora com idêntica severidade recriminado e Lucas registraria esse fato tão importante. Isso, porém, não aconteceu devido à completa ausência de Pedro.

5) As cognominadas Cartas do Cativo: Colossenses, Efésios, Filemom e Filipenses, escreveu-as Paulo durante o seu primeiro cativeiro em Roma, entre 60 e 62. Nelas, ao enviar aos seus destinatários saudações dos irmãos que com ele se encontravam, cita nominalmente, pelo menos, 11 pessoas diferentes. E o nome de algumas é repetido. Para alguns, inclusive, tem palavras carinhosas, como para Tíquico, **“irmão amado, e fiel ministro, e conservo no Senhor”** (Colossenses 4.7).

Se Pedro estivesse de fato em Roma poder-se-ia supor a gravíssima omissão do seu nome em todas as quatro Cartas? E, se fosse daquela cidade o bispo, o plenipotenciário de Cristo, seria concebível tamanho esquecimento?

É verdade a referência de Marcos na Primeira Epístola de Pedro a enviar saudações aos seus destinatários (1ª Pedro 5.13). Nisto a burlaria vaticana quer ver uma demonstração da estada de Pedro em Roma, pois Paulo, em Colossenses 4.10 e Filemom 24 também se refere ao nome de Marcos.

Pueril é este argumento astucioso. Consoante Rivaux, o historiador católico romano cuja obra recebeu os mais enfáticos encômios, Marcos compôs o seu evangelho por volta de 45 e nesse mesmo ano de 45, Pedro escreveu a sua Primeira Epístola (Ob. Cit., páginas 43-44).

Nesse ano, evidentemente, nem Pedro e nem Marcos se encontravam em Roma pelo motivo já examinado na alínea 1), qual seja o edito de Cláudio, em 42 e vigente até 54.

De 45 ao período de 60-62 medeia longo tempo, o suficiente para estar Marcos em Roma, pois era muito útil para o ministério de Paulo (2ª Timóteo 4.11). E foi nesse período que o Apóstolo cativo escreveu estas quatro Cartas.

Já em 67, Marcos não se encontrava em Roma (2ª Timóteo 4.11).

Abatem-se mais alguns anos daquele saldo de 10 e restam apenas uns 5 ou 6 à conta da possível permanência de Pedro na Capital do Império.

A 2ª Timóteo liquida este resto de anos. Com efeito, na oportunidade do seu segundo cativeiro em Roma (anos 66-67), escreveu a sua Segunda Epístola a Timóteo, às vésperas de sua morte (2ª Timóteo 4.6-9).

Afligia-se com a ausência do seu querido companheiro de ministério Timóteo (2ª Timóteo 4.9).

De algumas pessoas queixa-se. De Figelo e Hermógenes, por terem dele se apartado (1.5). Do latoeiro Alexandre, que muitos males lhe causara (4.14). De Demas, que o desamparou (4.10). Recrimina os falatórios de Himineu e de Fileto, que se desviaram da Verdade (2.17-18).

Lembra a ausência de Crescente, de Tito, de Marcos e de Tíquico (4.10-12).

Se, durante a permanência de Paulo em Roma, desta cidade fosse Pedro bispo e se omitisse, por medo das Perseguições, o Apóstolo, com toda a segurança, teria feito menção nesta Carta. A falta desta referência procede da própria ausência de Roma por parte de Pedro, que nunca lá esteve.

Se houvesse estado, tomaria conhecimento da situação de Paulo e isto Paulo teria mencionado como enalteceu a Onesíforo por tê-lo recreado e de suas cadeias não se envergonhado e, indo a Roma, com muito cuidado o procurara e o achou (1.15-16).

Da parte de Éubulo, Prudente, Lino, Cláudia e de todos os irmãos envia a Timóteo saudações (4.21). Por que prescinde do nome de Pedro? Se este fosse o bispo local, não subentenderia sua inclusão na expressão genérica **“todos os irmãos”**.

É patente a ausência de Pedro.

Seria, outrossim, uma injúria a Pedro supor-se a sua omissão por medo de perseguição, incluindo-se assim na queixa amarga de Paulo: **“Na minha primeira defesa ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram”** (4.16). Pedro, que após o Pentecostes, se tornara valente no serviço do Senhor e enfrentara prisões em Jerusalém, acaso se acovardaria agora?

E se Pedro estivesse também encarcerado?

Paulo tê-lo-ia mencionado, como se referiu a Aristarco, **“prisioneiro comigo”** (Colossense 4.10) e também a Epafras, **“prisioneiro comigo”** (Filemom 23).

Os depoimentos das incontestáveis testemunhas, os historiadores católicos, a Tradição, a Arqueologia e a Bíblia, bradam, cada um de per si, e ainda todos juntos, contra a lenda da estada de Pedro em Roma e do seu episcopado aí exercido.

E, nem se alegue, sofismando, ser Roma a Babilônia mencionada por Simão Barjonas em sua Primeira Epístola (5.13). Essa Babilônia nada tem a ver com a Babilônia simbólica do Apocalipse, onde representa Roma.

A Babilônia mencionada por Pedro é a Babilônia geográfica, embora naquela época fosse uma cidade pequena.

Alegar-se precaução de Pedro atribuindo em sua Carta o nome de Babilônia à Urbs porque, como sumo pontífice, não queria deixar nenhuma pista que possibilitasse ser apanhado na Capital do Império, sede do seu pontificado, seria achincalhar demais aquele apóstolo.

Escrevendo este documento em 45, sua presença em Roma era absolutamente impossível em vista do edito de Cláudio, conforme já se verificou.

Os historiadores católicos, a Tradição, a Arqueologia e a Bíblia, além de estarem desprovidos de qualquer argumento pró estada de Pedro em Roma, atestam o oposto às pretensões vaticanas.

Sr. Wojtyla, à vista dos argumentos destas cartas e, sobretudo, desta, que agora encerro, conclui-se que V. Sa. representa em sua comédia a maior impostura da História. Sua autoridade religiosa e moral é um mito. Por isso, o respeito à sua pessoa tributado se origina da ignorância espessa da Verdade e do fanatismo sedimentado ao longo dos séculos como fruto do tenaz trabalho empreendido pela hierarquia clerical no sentido de imbecilizar as massas.

Perdoe-me, sr. Karol, levar o seu ambicionado primado espiritual às barras das Sagradas Escrituras.

A Verdade, contudo, precisa brilhar para libertar as almas dos ergástulos da mistificação.

Aníbal
NA MILÍCIA DA VERDADE

P.S.: Desde que estas cartas prescindem dos salamaleques dos protocolos, não lhe peço escusas por este *post scriptum*.

Concluída esta epístola, fui passar uma vista d'olhos nos jornais de hoje. Deparei-me com a agradável notícia que V. Sa. fez várias CORREÇÕES no documento final da reunião dos bispos latino-americanos acontecida em Puebla, México, em cuja instalação V. Sa. proferiu um discurso.

Noticiou-se que V. Sa. fez “correções de estilo” e esclareceu alguns pontos que poderiam dar margem a equívocos.

Data venia, eis duas observações com os meus aplausos:

PRIMEIRA: O documento foi redigido em português e em castelhano. V. Sa. é polaco e desses dois idiomas muito pouco entende. Como foi, portanto, corrigir o estilo literário da mensagem? Não se trata, é evidente, dessa modalidade de estilo. V. Sa. corrigiu mesmo o estilo doutrinário porque os srs. bispos deste pobre Continente por eles desgraçado se esqueceram do seu catecismo.

SEGUNDA: Dos 179 bispos presentes apenas um votou em branco. Os 178 deram voto favorável ao documento.

Então esse consenso unânime ocorrido foi em torno de equívocos (!!!). Os bispos latino-americanos em maciça e compacta obtusidade nem perceberam os tais riscos de equívocos.

Sr. Wojtyla, pobres católicos deste Continente Latino-Americano! Pastoreados por bispos incapazes de perceber os equívocos que V. Sa. descobriu...

Compadeça-se, sr. Karol, dos seus fiéis subalternos e puxe as orelhas dos seus prelados!

Aníbal

NA MILÍCIA DA VERDADE

.oOo.

SEGUNDA PARTE

JOÃO PAULO II NÃO É O 264º SUCESSOR DE PEDRO

Agora e aqui as cartas subsequentes demonstrarão a falsidade da suposta e cobiçada sucessão ININTERRUPTA dos “papas” porque:

- * inexistente o primeiro elo da corrente sucessória;
- * é falha e imprestável a lista dos “papas” porque essa engendradora corrente está toda arrebitada;
- * a presença dos antipapas desabona a propalada notícia dos elos ininterruptos da cadeia papal.

.oOo.

DÉCIMA CARTA

INEXISTE O PRIMEIRO ELO DA CORRENTE SUCESSÓRIA

SR. JOÃO PAULO II OU KAROL WOJTYLA:

Aqui no Brasil um canal de TV, por sinal de enorme audiência, ontem à noite, durante mais de uma hora, apresentou um programa rico de pormenores sobre a sua pessoa.

O motivo desse programa especial foi o lançamento de sua primeira encíclica, *Redemptor Hominis*.

Os telespectadores brasileiros contemplaram belos enfoques do panorama polonês. Viram fotos de seu tempo de criança, de estudante, de “padre” novo. Todas essas coisas de álbum de família. Viram os meus patrícios a repetição das cenas de sua eleição (?), de sua posse, de sua viagem ao México.

Tudo foi muito bem montado no intuito de promover sua pessoa no conceito popular. Quanto ao objetivo de massificá-lo, esse programa deve ter surtido efeito.

Mas, sr. Karol Wojtyla, o promotor de sua massificação primou pelo crime de afrontar Jesus Cristo.

Por várias vezes ele o chamou de “papa da redenção”.

O vulgo, com os olhos grudados na imagem, de certo nem prestou atenção às palavras do locutor.

Aliás, o locutor deveria ter-se preparado melhor para ler o *script*. O coitado nunca estudou latim. Então, antes do programa, deveria ter consultado algum conhecedor dessa língua para aprender a ler corretamente o título de sua encíclica. O coitado lia a palavra *redemptor* como se ela fosse oxítona e não paroxítona. Com o acento na última sílaba como se diz redentor em português. (Em latim, lê-se o acento na penúltima sílaba: *redémptor*).

Sr. Karol, isso, contudo, é irrelevante, embora destoe do luxo da montagem.

Chamá-lo de “papa da redenção”, como fez por várias vezes o locutor do programa, é o cúmulo da tolice e, pior, da heresia.

O vocábulo “papa” vem da junção da primeira sílaba das palavras latinas *PATER PATRUM*, que significam: pai dos pais.

Ao intitular-se “papa”, V. Sa. quer ser o pai soberano, o pai supremo, o pai por excelência.

Ora, Deus é esse Pai! E jamais V. Sa, conquanto haja na mocidade sido ator teatral.

“Pai da redenção”!!! Deus da Redenção! Deus da Redenção é nosso Senhor Jesus Cristo.

Sr. Karol Wojtyla, adotar esse título é ir além dos limites.

V. Sa. já quer ser o vigário de Cristo! E não lhe basta esta monstruosa blasfêmia? Ainda quer ser também o Deus da Redenção?

Ao ouvir essa expressão, creia-me, sr. Wojtyla, senti profunda mágoa e intensa revolta.

Às vésperas do início do terceiro milênio, a pobre humanidade tem de aceitar semelhante disparate.

Impossível para mim, sr. Karol, reprimir esta tristeza, mas vamos agora ao assunto desta carta.

Os elos fazem a corrente. E logo, sem o primeiro elo, torna-se impossível a corrente.

Podemos assemelhar uma sucessão de pessoas a uma corrente. Se lhe faltarem as pessoas, inexequível se torna a sucessão.

Onde a sucessão ininterrupta dos “papas” se logo lhe falta o primeiro elo, porquanto Pedro nunca foi “papa”?

JAMAIS PEDRO FOI BISPO DE ROMA!!!

1) O livro **PEDRO NUNCA FOI PAPA**, de minha autoria e cuja leitura se recomenda, prova à saciedade constituir-se em mirabolante quimera, ou melhor, em fabulosa mistificação o apregoado primado universal do suposto bispo de Roma.

2) As cartas anteriores deste livro demonstram, outrossim, a ausência do apóstolo intempestivo da Capital do Império.

Além de recorrermos à Bíblia, provamos também pela Arqueologia a falsidade da hipótese romanista quanto à permanência dela na Urbs dos Césares. Sem haver estado lá, é evidente, não foi seu bispo, pois a residência é condição básica do episcopado efetivo.

3) Ainda! O Cânon das Sagradas Escrituras somente se encerrou com a morte do último dos Apóstolos, João, no fim do primeiro século, uns 35 anos após a “crucificação” de Pedro!

João escreveu o seu evangelho por volta do ano 95 e as epístolas e o Apocalipse depois dele.

Ora, até ao ano de 95, consoante as listas dos nomes dos “papas”, afora Pedro, já haviam passado pelo sólio pontifício três dos seus sucessores e Evaristo deveria ser o “papa” reinante.

Como João, entretanto, nestes seus cinco livros não faz alusão alguma sobre o fato? Sim, é simplesmente porque não aconteceu!

Em sua Terceira Carta, aliás, invectiva a tal primazia ao recriminar certo Diótrefes, **“que gosta de exercer a primazia entre eles”** (versículo 9), segundo com clareza afirma.

4) Os “pais da igreja” com as suas contradições acabam, outrossim, negando, na ordem cronológica, o primeiro lugar a Pedro.

Com efeito, quanto aos primeiros bispos de Roma, a falta de “consenso unânime” dos “pais da igreja” é gritante. E escandalosa!

Em vista das contradições sobre todos os assuntos nem sei mesmo entender como pessoas de espírito de observação podem admitir a patrística como órgão da “Tradição”, a principal fonte de revelação religiosa para a teologia romana.

Irineu, Tertuliano, Jerônimo, todos discordam no tocante aos primeiros bispos de Roma.

Alguns, como Irineu, dizem que Lino sucedeu a Pedro. E Jerônimo, por seu turno, informa que “a maioria dos latinos” sustentava haver sido Clemente, aquele personagem mencionado por Paulo em Filipenses 4.3.

Irineu, em sua obra *Adversus Haereses*, III, 3, escrita por volta de 138 (portanto, bem próximo da época dos fatos), referindo-se a Clemente, destaca-o como o terceiro bispo de Roma e Sixto como o sexto. Nesse caso, e seguindo a lista elaborada por Pio XII, Anacleto ou Cleto, que foi anterior a Clemente, ocupa o segundo lugar. E Lino, o imediatamente anterior a Anacleto, por conseguinte, toma o primeiro lugar. E Pedro? Tirou-o do elenco dos soberanos pontífices. Caiu o primeiro elo da corrente. E o resto?

Sr. Karol Wojtyła, para V. Sa. seria muito bom que ninguém se atrevesse a estampar essas considerações em livro. Num folheto ou num jornal, o dano ser-lhe-ia bem pequeno. O livro, porém, permanece e um dia alguém irá lê-lo. Neste caso, estas cartas, enfeixadas num livro, se tornam altamente prejudiciais à

sustentação do embuste que o suporta na crista dos grandes do mundo.

Não lhe peço desculpas, mas sinto grande recompensa só com a perspectiva de serem estas epístolas lidas por alguém que há de se libertar da maior mistificação da História.

Aníbal
NA MILÍCIA DA VERDADE

.oOo.

DÉCIMA PRIMEIRA
CARTA

OS ELOS DA
CORRENTE PONTIFÍCIA
NOS DOIS PRIMEIROS SÉCULOS

SR. JOÃO PAULO II OU
KAROL WOJTYLA:

Se falta o primeiro elo no cobiçado séquito sucessório dos pontífices romanos, seus antigos predecessores, o restante da cadeia está de igual forma em péssimas condições, haja vista a discordância sobre a ordem da sequência dos bispos romanos do primeiro século e do começo do segundo.

1) Veja aí, sr. Wojtyla, na fabulosa Biblioteca Vaticana, a maior do mundo, a ENCICLOPÉDIA CATÓLICA, em seu volume VII,

página 593. Ao tratar da lista ou relação daqueles sucessores petrinus, declara ela que “a cronologia destes bispos de Roma não pode ser determinada com nenhum grau de exatidão pela ajuda das autoridades à nossa disposição hoje”.

Entretanto, é relevante notar-se a unanimidade entre os historiadores no tocante à sucessão dos imperadores romanos, cuja sequência principiou bem antes de Cristo.

2) A primeira lista dos bispos de Roma, consoante Eusébio, elaborou-a Hegesipo (110-180), sobre quem pairam muitas incertezas para não se constituir ele em exceção da regra referente aos “santos padres” dos três primeiros séculos.

“São muitíssimo escassos os dados para a biografia deste escritor, aliás muito conhecido e citado”, lembra o clérigo João Batista Lourenço Insuelas, à página 102 do seu CURSO DE PATROLOGIA, já aludido nestas cartas.

Assevera-se haver acontecido a sua chegada a Roma ao tempo de Anacleto (154-166) e, nesta oportunidade, tendo colhido informes na própria fonte, compôs a lista dos bispos romanos, desde Pedro até Aniceto.

Eusébio que, em sua HISTÓRIA ECLESIASTICA, lhe guardou os fragmentos, “considera-o um observador e uma testemunha sincera” (Insuelas, Ob. Cit., página 103). Lembra, ainda, a dúvida quanto a sua cultura, a sua má composição literária e o seu grego incorreto.

Jerônimo (342-420) afirma que Hegesipo escreveu uma História seguida da Igreja, desde a Paixão de Cristo até aos meados do século II, da qual nem sequer um fragmento sobrou (Insuelas, Ob. Cit., página, 103).

Ora, se Eusébio, autor da primeira HISTÓRIA ECLESIASTICA, o manancial a oferecer elementos sobre os episódios e personagens do Cristianismo até o seu tempo, se Eusébio registrou o elenco elaborado por Hegesipo, deveria haver unanimidade em todos os catálogos dos bispos romanos do século I.

A falta dessa unanimidade não seria, por acaso, sintoma da ausência da Verdade? Do fato objetivo? Concreto?

3) Sob os meus olhos tenho agora 10 (DEZ) listas “completas” dos pontífices vaticanos. São elas: TRATADO DE HISTÓRIA ECLESIASTICA, do sacerdote Rivaux; COMPÊNDIO DE HISTÓRIA

ECLESIAÍSTICA, do clérigo F. X. Funk; HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA, de Llorca; HISTÓRIA DA IGREJA DE CRISTO, do leigo inglês Philip Hughes; HISTÓRIA DA IGREJA DE CRISTO, de Daniel Rops, também leigo, mas eminente entre os escritores católicos franceses; APONTAMENTOS DE HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA, do cardeal Jaime Barros Câmara; HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA, do frade Dagoberto Romag; a INSTITUIÇÃO DO PAPADO, de Edgard de Britto Chaves Júnior, um longo artigo publicado em A PROVÍNCIA DO PARÁ (22 de outubro de 1978) e a lista dos pontífices publicada no órgão oficial da Arquidiocese paulopolitana, O SÃO PAULO, de 7/13 de outubro de 1978.

Dois historiadores franceses (Rivaux e Rops), dois alemães (Funk e Romag), um inglês (Hughes), um espanhol (Llorca) e três brasileiros (Câmara, Britto Chaves e o jornal paulista).

a- Todas estas listas se louvam em pesquisadores e historiadores de alto coturno. Dentre tantos dos mais famosos, destaco os seguintes: Cappelli (*CRONOLOGIA, CRONOGRAFIA*), Seppelt-Loeffler (*PAPSTGENSCHICHTE*), H. Bruck (*HISTOIRE DE L'ÉGLISE*), Anthelmo Goud (*HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA*), Rafael Galanti (*HISTÓRIA UNIVERSAL*), Pièrre Albers (*MANUEL D'HISTOIRE ECCLESIASTIQUE*).

Conquanto cada uma dessas listas pretenda expressar a realidade histórica da sucessão papalina, todas entre si são discordantes.

b- Essas listas, discordes entre si, também não se afinam com os cognominados “pais da igreja”, de igual forma discordantes entre eles.

Se acerca das doutrinas marcadamente católicas romanas inexistente entre eles o decantado “consenso unânime”, no tocante ao pontífice romano a desarmonia e o desacordo nos escritos deles são clamorosos.

Sr. Karol, não quero envergonhá-lo porque V. Sa. de sobejo conhece estas coisas! Meu intento é o de esclarecer consciências.

Um cotejo ou confronto entre essas listas nos levará à verificação de ser falaciosa essa ambição e fantasmagórica a ininterruptibilidade da sucessão dos papas ao longo da História.

4) Transcreverei os nomes dos pretendidos bispos romanos dos dois primeiros séculos, ou seja, de Pedro a Aniceto.

RIVAUX

S. Pedro (42-67)
S. Lino (67-78)
S. Cleto ou Anacleto (78-91)
S. Clemente (91-100)
Sto. Evaristo (100-109)
S. Sixto (109-119)
S. Telésforo (119-127)
Sto. Higinio (127-139)
S. Pio (139-142)
Sto. Aniceto (142-157).

FUNK

Petrus (67)
Linus (67-79)
Anacletus (79-90)
Clemens (90-99)
Evaristus (99-107)
Alexander (107-116)
Xystus (116-125)
Telesphorus (125-136)
Higinus (136-155)
Anicetus (155-166).

HUGES e CÂMARA

S. Pedro (42-67)
S. Lino (67-78)
S. Cleto (78-90)
S. Clemente (90-100)
Sto. Anacleto (100-112)
Sto. Evaristo (112-121)
Sto. Alexandre (121-132)
S. Sixto I (132-142)
S. Telésforo (142-154)
Sto. Higinio (154-158)
S. Pio (158-167)
Sto. Aniceto (167-175).

DANIEL ROPS, LLORCA e “O SÃO PAULO”

S. Pedro (67)

S. Lino (67-76)

Sto. Anacleto (77-88)

S. Clemente (88-100)

Sto. Evaristo

Sto. Alexandre

S. Sixto

S. Telésforo

Sto. Higino

S. Pio

Sto. Aniceto.

Algumas observações demonstrar-nos-ão a carência de motivos para darmos crédito à ininterruptibilidade da decantada sucessão papal:

a- Rivaux encontrou 10 pontífices de Pedro a Aniceto, inclusive esses dois. Funk, Rops, Llorca e O SÃO PAULO encontraram 11. Hughes e Câmara porque, além de incluírem Alexandre, distinguem Cleto de Clemente e juntam este Cleto entre Lino e Clemente, e Anacleto entre Clemente e Evaristo, encontraram 12 “papas”.

b- Quanto às datas de duração do pontificado de cada um a unanimidade ou concordância simplesmente inexistem. Por exemplo, Rivaux baliza o pontificado de Telésforo entre 119-127; Funk, Llorca e O SÃO PAULO, entre 125-136; Hughes, entre 142-154; Rops, entre 136-154 junta logo três, inclusive Telésforo.

Aniceto, o último do elenco de Hegesipo tem o seu sumo pontificado limitado nos seguintes anos: por Rivaux entre 142-157; por Funk, Llorca e O SÃO PAULO, entre 155-166; por Hughes, entre 167-175.

c- Hughes observa, outrossim, à página 332 de sua HISTÓRIA DA IGREJA CATÓLICA que “algumas listas citam um Félix II imediatamente após Anacleto”.

Se algumas listas incluem um Félix II nesse lugar é porque havia um Félix I entre os cinco primeiros “papas”, isto é, entre Pedro e Anacleto.

Então, acrescentar-se-iam mais dois no catálogo de Rivaux (12) e na relação de Funk, Rops e O SÃO PAULO encontraríamos 13.

d- Rivaux omite Alexandre, enquanto os outros o encaixam entre Evaristo e Sixto I.

Funk pulou Pio I, enquanto os demais o colocam entre Higino e Aniceto.

e- O jornal A PROVÍNCIA DO PARÁ (Belém, domingo, 22 de outubro de 1978), no interesse de celebrar o dia de sua posse, sr. Karol Wojtyła, cobriu toda a página 11 do seu 3º caderno com um artigo minucioso de Edgard de Britto Chaves Júnior.

Conquanto o articulista tente enaltecer a instituição papista, é obrigado a confessar: “Os primeiros sucessores de Pedro são muito pouco conhecidos, sendo que, dos dois primeiros, Lino e Cleto, apenas se sabe o nome”.

E repete a confissão altamente comprometedora às pretensões de ininterruptibilidade da sucessão papal: “Nossas listas não pretendem ser completas, nem absolutamente corretas, pois, como já dissemos, reina muita divergência entre os historiadores. Somente a partir da Era Moderna há um consenso quase geral”.

No objetivo de realçar, ergo em versais a expressão: “REINA MUITA DIVERGÊNCIA” e o vocábulo “QUASE” da última frase, para se notar que nem na Era Moderna o consenso das listas é completo.

Sr. João Paulo II, isto foi escrito em letra de forma e publicado neste País (o maior País católico do mundo) precisamente no dia da sua entronização no sólio vaticano e por um dos seus ardorosos fiéis. E mais: em sua homenagem.

Não, sr.! Não faça isso! Não excomungue o Edgard. Nem lhe puxe as orelhas! O pobre, pelo menos, foi sincero. E não teve por onde escapar! A coisa é assim mesma: toda furada!

Mas, sr. Wojtyła, se o primeiro elo da corrente sucessória dos “papas” simplesmente inexistente e se os outros elos iniciais se envolvem em tantas e tamanhas discrepâncias, pergunta-se: EM

QUE SE AGARRA A SONHADA ININTERRUPTIBILIDADE DA
SUCESSÃO PONTIFÍCIA?

E vamos crer nela?

Aníbal
NA MILÍCIA DA VERDADE

.oOo.

P. S.: Justamente porque estas cartas vão ser enfeixadas em livro, exhibo aqui o seu escudo pontifício ou suas armas papais. Salienta-se em seu interior, no canto inferior direito, a letra M, símbolo de Maria, de quem o meu caro Karol é assaz devoto.

Desde o seu primeiro pronunciamento, quando da sua eleição pontifical, V. Sa. se demonstra fiel em seu marianismo.

Quando de sua visita ao México, V. Sa., por mais de 20 vezes, externou-o, sublinhando todos os seus dogmas.

E isto é muito bom para nós, os evangélicos, pois o sr. Karol Wojtyla contraria a opinião infundada e leviana dos protestantes ecumenistas. Contraria-a porque V. Sa. confirma permanecer o catolicismo mariólatra como sempre o foi desde seus primórdios. Por isso, caro Karol, sou-lhe grato.

Aníbal
NA MILÍCIA DA VERDADE

.oOo.

DÉCIMA SEGUNDA
CARTA

ELOS PARTIDOS EM OUTROS SÉCULOS

SR. JOAO PAULO II OU KAROL WOJTYLA:

O grande drama da hipótese evolucionista da espécie humana (e por isto ela jamais passará de mera hipótese, conjectura ou utopia) é o de não se encontrarem e não se ajustarem os elos ou estágios da evolução. Drama semelhante ocorre com a lista dos “papas”.

Proclama-se por aí, como fato consumado, provado e comprovado, que o homem procede do primata. Com o peito estufado de arrogância, os seus clérigos, meu caro Karol, revelam segurança de certeza demonstrada quando dizem ser V. Sa. o 264º herdeiro do trono de Pedro, em decorrência duma sucessão ininterrupta.

Essa ininterruptibilidade, contudo, é fantasmagórica. Simplesmente, não existe! Inexiste desde o primeiro elo dessa corrente.

Nos dois primeiros séculos, já verificamos, está totalmente comprometida.

Mas a ininterruptibilidade da sucessão pontifícia está com os elos partidos também em outros séculos.

1) Assim o século IV gozou da presença de 31 importantes escritores eclesiásticos, dentre os quais avultam Ambrósio,

Agostinho, Jerônimo, Cirilo de Jerusalém, os dois Gregórios (o Nazianzeno e o de Nissa) e, no seu decorrer, celebraram-se 106 Concílios, sendo dois ecumênicos (o de Nicéia, em 325, e o de Constantinopla, em 381).

Pois bem, neste século IV, de tantas letras eclesiásticas e de tantos concílios, como jamais houve, alguns elencos incluem Félix

II entre 355-365, enquanto outros, como o de O SÃO PAULO, o consideram antipapa. E outros, como vimos, o colocam imediatamente após Anacleto.

2) O século V se caracterizou igualmente por um grande número de concílios (80, sendo 2 ecumênicos: o de Éfeso, em 431, e o de Calcedônia, em 451) e pela presença de 21 escritores eclesiásticos de renome. Também neste século as listas são contraditórias quanto ao infeliz Félix. Algumas incluem Félix II entre 483 e 492 e outras encaixam aí o Félix III.

3) Os Félix foram, de fato, muito infelizes. O I atrapalha a enumeração dos três primeiros bispos de Roma. O II, em algumas listas, aparece logo depois de Anacleto, enquanto que, em outros catálogos, é considerado antipapa (483-492). O III é outro joguete dos elencos. Uns querem-no entre 483-492 e outros, entre 526-530. O IV se vê em semelhante situação vexatória. Colocam-no uns catálogos entre os anos 526-530 e outros simplesmente o omitem. O V é taxado de antipapa e posto entre 1439-1449. Por sinal, o último antipapa. E também o último infeliz Félix.

4) Reina, outrossim, grande confusão entre as listas no tocante aos pontífices de nome João, sobretudo de João XV até João XXI. Em certos elencos não aparece João XX.

Aí, por 850, entre Sérgio II e Leão IV, surgiu um João ou a papisa Joana, de triste memória.

Alguns consideram João XVI antipapa, mas o João seguinte adotou o número XVII por reconhecê-lo legítimo.

São estes alguns dos muitos exemplos como prova da falsa seqüência ininterrupta dos “papas”.

5) Enfim, sr. Wojtyla, enquanto a imprensa anuncia como fato líquido e certo ser V. Sa. o 264º (ducentésimo sexagésimo quarto) sucessor de Pedro no sólio pontifício, os historiadores com as suas relações de nomes dos “papas” estão em completo desacordo quanto ao número deles. E este pormenor também revela a quebra da decantada ininterruptibilidade.

Das minhas 10 listas de nomes de pontífices, incluindo-se o de V. Sa., só o cardeal Câmara e o frade Romag concordam com o

número 264. Hughes conta 261. O SÃO PAULO, 262. Llorca, 265. Funk, 267. Rivaux, 260. A PROVÍNCIA DO PARÁ, 274 (isto é, 10 a mais do que o número anunciado).

Sr. Karol Wojtyla, os prelados ingleses, por reconhecerem-no e admirarem-no um atleta, lhe ofereceram como presente uma piscina.

Aconselho-o a dar uns mergulhos para refrescar a cuca, haja vista a dor de cabeça dada a V. Sa. por estas cartas atrevidas.

Aníbal
NA MILÍCIA DA VERDADE

.oOo.

DÉCIMA TERCEIRA
CARTA

OS PONTÍFICES ESPÚRIOS
OU ANTIPAPAS

SR. JOÃO PAULO II OU
KAROL WOJTYLA:

Desculpe-me, caro senhor, fazê-lo passar por semelhante vexame! Que hei de fazer? Meti-me nesta empreitada de, Bíblia e História em punho, desmascarar a sua primazia e a ininterruptibilidade do seu cargo...

V. Sa. há de convir comigo! Muito embuste e muita mentira envolvem o seu posto. Por isso, sr. Wojtyla, preciso cumprir meu dever de esclarecer as pessoas sensatas e de boa fé.

Repito! Nada tenho contra a pessoa do sr. Karol Wojtyla. Também recolherei minhas armas e todo o meu arsenal se V. Sa., com franqueza, confessar que o seu papel de pontífice romano continua a ser de artista de drama ou de novela. Se V. Sa. afirmar com sinceridade que o trono de Pedro é a ribalta do seu palco. Aí, irei aplaudi-lo, caso desempenhe bem o papel de ator.

Enquanto, porém, V. Sa. e seus subalternos, encapuçados na mais ignóbil hipocrisia, estão aí a representar uma novela como se fosse verdade e fato real, de maneira alguma posso me conformar vendo tanta gente sendo brutalmente iludida. Preciso desmascarar o mistifório.

Esta carta, meu caro Karol, é o tiro de misericórdia no assunto.

As pessoas de coração e de mente nobres, lendo os meus argumentos claros e categóricos, IRRETORQUÍVEIS, abandonarão em definitivo qualquer crença em seu primado, em sua autoridade de chefe religioso, em sua ascendência moral no mundo, em sua infalibilidade... Jamais o considerarão vigário de Cristo e “papa” da redenção...

Esta carta culmina e arremata toda minha esmagadora argumentação! A lista dos supremos hierofantes vaticanos conserva graves falhas no tocante à decantada e sonhada ininterruptibilidade na sucessão pontifícia. Mas esse elenco apresenta a sua mais séria e mais escandalosa falha com a presença de muitos pontífices considerados pelo próprio catolicismo como espúrios ou falsos. “Papas” contemporâneos que se excomungam mutuamente. “Papas” que excomungam os seus antecessores.

Prefiro seguir o órgão oficial da Arquidiocese católica paulista, O SÃO PAULO. Eis os antipapas que, em seu exemplar de 7/13 de outubro de 1978, apresenta:

Santo Hipólito (217-235). É o primeiro antipapa e SANTO (???!!!),

Novaciano (251-258),

Félix II (355-365),

Ursino (366-367),

Eulálio (418-419),

Lourenço (498-505),

Dióscuro (530),

Teodoro (687),

Pascoal (687-692). Estes dois, Teodoro e Pascoal, aconteceram à época de Sérgio I. Três “papas” ao mesmo tempo. E os três tiveram os seus subalternos católicos,

Constantino II (767-769),
Felipe (768),
João (844),
Anastácio (855),
Cristóvão (903-904),
Bonifácio VII (974-984),
João XVI (997-998),
Gregório (1012),
Bento X (1058-1059),
Honório II (1061-1072),
Clemente III (1084-1100),
Teodorico (1100-1102)
Alberto (1102),
Silvestre IV (1105-1111),
Gregório VIII (1117-1121),
Celestino II (1124),
Anacleto II (1130-1138),
Victor IV (1138),
Victor IV (1159-1164),
Pascoal III (1164-1168),
Calixto III (1163-1178),
Inocência III (1179-1180),
Nicolau V (1328-1333),
Clemente VII (1378-1394),
Bento XIII (1394-1423),
Clemente VIII (1425-1429),
Alexandre V (1439-1449),
Bento XIV (1425-1430),
João XXIII (1410-1415),
Félix V (1439-1449).

TRINTA E NOVE (39) ANTIPAPAS!!!

Garanto que muita gente boa não sabe que na “sucessão” apostólica (?) dos “papas” há tantos espúrios!!!

Não, sr. Karol! Não! Também desta vez NÃO!!!

Os historiadores católicos também desta vez NÃO concordam com o rol dos antipapas.

a- Rivaux, Hughes, A PROVÍNCIA DO PARÁ e Câmara distinguem Estêvão II e Estêvão III (752-757) considerando-os legítimos. O SÃO PAULO e Romag mencionam apenas um Estêvão (II ou III?), tendo-o como verdadeiro “papa”. Mas Funk e Llorca consideram Estêvão II antipapa e o Estêvão III como legítimo.

b- Cristóvão (903-904), de semelhante forma, é objeto de disputa. Rivaux, A PROVÍNCIA, Llorca, Hughes, Funk, Romag e Câmara incluem-no entre os legítimos. O órgão oficial da Arquidiocese paulistana, O SÃO PAULO, como espúrio.

c- Leão VIII (963-965) também é estraçalhado. O SÃO PAULO, Llorca e Romag enaltecem-no como “papa” e lhe beijam os pés, enquanto que Rivaux e Câmara o anatematizam como falso.

d- Domno II (973) é tido por Rivaux, Hughes e A PROVÍNCIA como “papa”, mas O SÃO PAULO e Llorca ignoram-no por completo.

e- João XVI (997-998) é antipapa para Romag, Llorca e O SÃO PAULO. Para Rivaux, A PROVÍNCIA e Câmara é digno das honras pontificias.

f- Silvestre III (1045) nem ao menos é mencionado por Hughes, enquanto O SÃO PAULO e Llorca o proclamam verdadeiro “papa” e Câmara e Romag desprezam-no como espúrio.

g- Bento IX assumiu a cátedra vaticana por três vezes. Da primeira (1032-1044) é tido pela unanimidade dos historiadores como legítimo. Da segunda vez (1045) e da terceira (1047-1048) é considerado verdadeiro e autêntico por O SÃO PAULO e como espúrio pelo cardeal Câmara.

- Bento X (1058-1059) nem ao menos é referido por A PROVÍNCIA DO PARÁ. O SÃO PAULO, contudo, enfileira-o na relação dos antipapas. Llorca e Funk dão-lhe o prestígio papal.

i- Alexandre II (1061-1073) é honrado como “papa” por Llorca, por Hughes e por A PROVÍNCIA. Contudo, O SÃO PAULO nem ao menos o menciona.

j- Martinho IV (1281-1285) é outra vítima das discrepâncias dos elencos vaticanos. Rivaux, Llorca e O SÃO PAULO consagram-no sumo pontífice. Romag e Hughes nem lhe citam o nome.

k- Alexandre V (1409-1410) é respeitado por Funk como verdadeiro “papa”. Llorca, A PROVÍNCIA, Câmara e O SÃO PAULO, porém, nem lhe referem o nome.

l- Inocêncio XIII (1721-1724) é aclamado legítimo por Rivaux, Hughes, Funk, Llorca, Romag, Câmara. O SÃO PAULO, porém, nem lhe refere o nome.

Encheríamos muitas páginas, sr. Karol, se fôssemos prosseguir. Esses exemplos são suficientes para nos demonstrar a fatuidade da “sucessão ininterrupta” dos “papas”.

Ainda **DUAS OBSERVAÇÕES** quanto aos antipapas:

PRIMEIRA: O sr. Ângelo Roncalli, quando foi eleito em 1958, adotou o apelido de João XXIII, reconhecendo assim que o seu homônimo (1410-1415) foi antipapa.

De igual maneira se conduziu Clemente VII (1523-1534) por admitir espúrio o Clemente VII de 1378-1394. E Clemente VIII (1592-1605), por considerar falso o Clemente VIII de 1429.

Inocêncio III (1198-1216), por supor espúrio Inocêncio III de 1179-1180, também repetiu o apelido.

Clemente III (1187-1191) se conduziu da mesma maneira por não reconhecer legítimo seu antecessor Clemente III (1080 e 1084-1100).

AGORA, uma pergunta, sr. Wojtyla: POR QUE BONIFÁCIO VIII (1294-1303) NÃO REPETIU O VII, DE VEZ QUE BONIFÁCIO VII (974) É TIDO COMO ANTIPAPA?

E Alexandre VI (1492-1503) não repetiu o V, pois Alexandre V (1409-1410) é suposto falso? E João XVII (1003) não repetiu o XVI porquanto João XVI (997-998) é tido como ilegítimo?

Na lista dos Bento, o X e o XIII são antipapas, mas somente Bento XIII (1724-1730) repetiu o XIII. O XI não o fez. Então Bento X (1058-1059) é verdadeiro?

Os “papas” que não repetiram o número ordinal de um seu antecessor contado como antipapa é porque o reconhecem como legítimo. É questão de lógica, não é verdade, sr. Karol?

SEGUNDA: Vimos como os historiadores romanistas se desentendem quanto aos antipapas.

Por exemplo: Llorca e Romag têm João XVI (997-998) como espúrio e incluem nesse período como autêntico o “papa” Gregório V (996-999). Ora, Rivaux e Câmara respeitam João XVI como legítimo. Então, nesse caso, Gregório V é o falso? Pobre sr. Wojtyła, que barafunda!

Afinal, meu caro Karol, se V. Sa. resolvesse deslindar toda essa confusão das listas dos “papas” cairia num emaranhado tão intrincado que dele jamais sairia... Seria um problema tão grande como o de desatar nó dum pingo d’água...

De qualquer modo, tenho profunda compaixão de V. Sa..

Que Deus se apiade do sr. Karol e o mova ao arrependimento verdadeiro e à fé evangélica em nosso Senhor Jesus Cristo como ÚNICO porque TODO-SUFICIENTE SALVADOR, é a oração fervorosa do

Aníbal NA MILÍCIA DA VERDADE

.oOo.

tro